

Resumos Expandidos
Anais

Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire

Caicó/RN - 2023

Educação Libertadora
*Esperanças para a
reconstrução do Brasil*

ISSN 2525-9393

V.1, 2024

Maria Aparecida Vieira de Melo
Ricardo Santos de Almeida
Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)



**PRÉ-COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO
FREIRE**

CAICÓ/RN

ISSN 2525-9393

Vol. 1

2024

**PRÉ-COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO
FREIRE**

CAICÓ/RN

30 DE NOVEMBRO E 1 DE DEZEMBRO DE 2023

REALIZAÇÃO: CENTRO PAULO FREIRE-ESTUDOS E
PESQUISA



Recife, PE

2024

Produzido por:

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação (CE), Recife, Pernambuco, Brasil.

CEP: 50740-530

<https://www.centropaulofreire.com.br/>

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

CONSELHO EDITORIAL CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

Agostinho da Silva Rosas	UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Paula de Abreu Costa de Moura	UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Maria Saul	PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Eliete Correia dos Santos	UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inés María Fernández Mouján	Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Luiza Cortesão	Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Aparecida Vieira de Melo	UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Erivalda dos Santos Torres	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e UFPE
Maria Fernanda dos Santos Alencar	UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Mírian Patrícia Burgos	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal
Ricardo Santos de Almeida	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

**PRÉ-COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE
CAICÓ/RN**

“Educação libertadora: esperar para reconstrução do Brasil!”

31 de novembro e 1 de dezembro de 2023

ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS - RESUMOS EXPANDIDOS

Maria Aparecida Vieira de Melo

Ricardo Santos de Almeida

Dayane Lopes de Medeiros

**COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÉ-COLÓQUIO PAULO
FREIRE – CAICÓ/RN**

Maria Aparecida Vieira de Melo

Maria Aparecida Cruz

Maria Erivalda dos Santos Torres

Fabíola Maria Dantas

Serjane de Queiroz Vale Dantas

Geovar Miguel dos Santos

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Ricardo Santos de Almeida

Sara Ingrid Borba

COMISSÃO CIENTÍFICA

Maria Aparecida Cruz

Serjane de Queiroz Vale Dantas

Ana Luiza de Oliveira e Oliveira

Cauê Almeida Galvão

Fabíola Maria Dantas

Maria das Vitorias Nunes Silva Lourenço

Igor Gomes da Costa

Irenaldo Pereira de Araújo

Rafael Araujo da Silva

Alexandre Evangelista da Silva

Maria Gorete dos Santos

COORDENAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DOS EIXOS TEMÁTICOS

Eixo temático 1: Educação Popular, Movimentos Sociais e Saúde

Ana Luiza de Oliveira e Oliveira

Cauê Almeida Galvão

Eixo temático 2: Educação de Jovens e Adultos na Sociedade contemporânea

Fabíola Maria Dantas

Maria Aparecida Cruz

Eixo temático 3: Direitos Humanos e Cultura de Paz

Cezar Bueno de Lima

Maria das Vitorias Nunes Silva Lourenço

Eixo temático 4: Relações étnico-raciais, diversidade e justiça social

Igor Gomes da Costa

Irenaldo Pereira de Araújo

Eixo temático 5: Currículo, didática/ensino-aprendizagem e prática pedagógica na perspectiva da interculturalidade

Alexandre Evangelista da Silva

Eixo temático 6: Educação do/no campo na contemporaneidade

Serjane de Queiroz Vale Dantas

Maria Gorete dos Santos

MONITORAS

Ana Cecília Costa Rangel
Auane Sthefanny da Silva Nunes
Celeste Aurora da Nóbrega Calixto
Dayane Lopes de Medeiros
Emanuelle Deyse dos Santos Almeida
Erika Elayne Soares dos Santos
Katiane Pereira Silva
Lara Emily de Araújo Fernandes
Luana Lucena de Medeiros
Maria Aparecida Silva de Oliveira
Monica Leticia de Medeiros
Vivian Liégia de Araújo Santos

MÍSTICA

Carlos César de Oliveira
Maria Aparecida Vieira de Melo
Vivian Liégia de Araújo Santos
Celeste Aurora da Nóbrega Calixto
Emanuelle Deyse dos Santos Almeida
Auane Sthefanny da Silva Nunes
Dayane Lopes de Medeiros
Ana Cecília Costa Rangel

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Colaboração, revisão e diagramação: Ricardo Santos de Almeida

Capa: Danielle Jaiane Silva

AUTORIZAMOS A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

A EXATIDÃO DAS REFERÊNCIAS E AS IDEIAS EXPRESSAS E/OU DEFENDIDAS NOS TEXTOS SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

Copyright © 2024. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio. Lei n. 9.610 de 19/02/1998 (Lei dos Direitos Autorais).

2024. Escrito e produzido no Brasil.

SUMÁRIO

SOBRE OS PRÉ-COLÓQUIOS	8
Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas	
APRESENTAÇÃO	9
Maria Aparecida Vieira de Melo	
MÍSTICA	13
Paulo Freire: inspirando insurgências coletivas para romper os “nós” da opressão e construir o esperançar	
RESUMOS EXPANDIDOS: EIXO 1 - EDUCAÇÃO POPULAR, MOVIMENTOS SOCIAIS E SAÚDE	15
REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS FORMATIVOS COM JUVENTUDES, À LUZ DA PEDAGOGIA PASTORAL E DA PEDAGOGIA LIBERTADORA DE INSPIRAÇÃO FREIREANA	16
Carlos César de Oliveira	
O MOVIMENTO NACIONAL DE MENINOS E MENINAS DE RUA DE PERNAMBUCO NA LINHA DE FRENTE NA DEFESA DOS DIREITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA: TÁTICAS DA EDUCAÇÃO POPULAR	20
Alana Anselmo Carneiro Cláudia Maria Carlos João Natan da Silva	

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO POPULAR CONTRIBUTIVA PARA A SAÚDE E O PROCESSO FORMATIVO DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO	24
Auane Sthefanny da Silva Nunes Monica Leticia de Medeiros	
RESUMOS EXPANDIDOS: EIXO 2 - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	27
DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: EJA COMO UM FATOR GARANTIDOR DOS DIREITOS HUMANOS	28
Celeste Aurora da Nóbrega Calixto Lara Emily de Araújo Fernandes	
RESUMOS EXPANDIDOS: EIXO 3 - DIREITOS HUMANOS E CULTURA DA PAZ	31
GEPEPF: A PRÁTICA PEDAGÓGICA INTERNDISCIPLINAR PARA FORMAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	32
Maria Aparecida Vieira de Melo	
EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS: PRESSUPOSTO DECOLONIAL E ANTIRRACISTA	36
Dayane Lopes de Medeiros	

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO INTEGRAL LIBERTADORA: UMA PAUTA ACERCA DA DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO À LUZ DE PAULO FREIRE 40

Arthur Anthonés de Araújo

Dayane Lopes de Medeiros

Maria Aparecida Vieira de Melo

CENTRO DE CONVIVÊNCIA CULTURAL ITINERANTE: UM PROJETO ALINHADO A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E A PESQUISA DE PAULO FREIRE 44

Dayse Diná Santana Lucena

Letícia Araújo da Silva

“VOZES DA LUTA FEMINISTA”: O EMPODERAMENTO FEMININO DAS MULHERES DO JOÃO XXIII EM PARCERIA COM O PROJETO “MEU NOME É JHONNY” 47

Thássila Tamires Batista Alves

Marcela Eduarda Gomes Grande

Aliny Thaisy Araújo Costa

RESUMOS EXPANDIDOS: EIXO 4 - RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, DIVERSIDADE E JUSTIÇA SOCIAL 52

O SISTEMA DE COTAS RACIAIS COMO AGENTE DE DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À EDUCAÇÃO SUPERIOR 53

Emanuelle Deyse dos Santos Almeida

Maria Aparecida Silva de Oliveira

SUMÁRIO

- RESUMOS EXPANDIDOS: EIXO 5 - CURRÍCULOS,
DIDÁTICA/ENSINO-APRENDIZAGEM E PRÁTICA
PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DA
INTERCULTURALIDADE** 57
- ESPAÇOS EDUCATIVOS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL NA PERSPECTIVA FREIREANA** 58
Katiane Pereira Silva
José Victor da Silva Lopes
- CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA
PENSAR-FAZER PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERCULTURAIS** 61
Carlos César de Oliveira
Maria Inês Marcondes de Souza
- O TEMA-GERADOR NA EDUCAÇÃO ESCOLAR
XUKURU DO ORORUBÁ (PESQUEIRA,
PERNAMBUCO)** 65
Alexandre Evangelista da Silva
- A SIGNIFICÂNCIA DO CURRÍCULO
INTERCULTURAL NA ESCOLA: UMA ANÁLISE A
PARTIR DO LEGADO DE PAULO FREIRE NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM** 71
Luana Lucena de Medeiros
Katiane Pereira Silva

SOBRE OS PRÉ-COLÓQUIOS

Os Pré-Colóquios surgem como possibilidade de se constituírem como espaço de organização e discussão temática preparatória para o XII Colóquio Internacional Paulo Freire, com a participação de Instituições de Ensino Superior (pública e privada), Movimentos Sociais, Secretarias de Educação Municipais, Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco e demais instituições não governamentais que agregam em suas práticas e pesquisas o pensamento de Paulo Freire.

Boa leitura!
Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

APRESENTAÇÃO

Maria Aparecida Vieira de Melo¹

Olá minha gente amiga
Vamos então continuar
No movimento do saber
Com a educação popular
E assim nos envolver
A partir deste lugar

Os nos da opressão
Vamos então romper
Com Freire a nos inspirar
Insurgências a promover
Construindo o esperançar
A partir do nosso que/fazer

E neste lindo movimento
Venho aqui te convidar
Pra você se envolver
Na mística a praticar
A beleza assim perceber
Freire aqui presente está

Educação popular
Movimentos sociais
No campo do saber
São exponenciais
A saúde a promover
Aos sujeitos por iguais

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação em Paulo Freire (GEPEPF/CNPQ/UFRN/CERES), Caicó, UF, Brasil, m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

E assim nos indagamos
Que práticas a promover
No contexto educativo
Com partilhas do saber
O conhecimento alternativo
Pra saúde e o bem viver!

A EJA é importante
Vamos dela então falar
Qual é a sua finalidade
Para além do alfabetizar
Combater a desigualdade
É preciso agora e já

Os lugares da EJA
Na sociedade brasileira
São diversos e plurais
Sendo então a bandeira
Com práticas sociais
A educação é de primeira

Os direitos humanos
Importantes vêm a ser
Nos espaços in/formais
Precisam acontecer
Com saberes a ser mais
Para a paz prevalecer

A diversidade está presente
As questões são diversas
A igualdade de direitos
Não podem ser só promessas
E assim todos os sujeitos
Contemplan a vida em festa

Relações étnico-raciais,
Diversidade e justiça social
O mote das ações afirmativas
Para o bem sem igual
Com práticas alternativas
Para inclusão é crucial

A igualdade de direitos
Precisa ser garantida
Com a inclusão dos sujeitos
Da classe comprometida
Os direitos são o pleito
Para a dignidade da vida

A didática e o currículo
Com a interculturalidade
Faz toda a diferença
Em prol da diversidade
Sendo assim a excelência
Para inclusão de verdade

Igualdades e diferenças
Precisamos considerar
No processo de ensinagem
A cultura é singular
E assim a aprendizagem
Bem significativa será

Educação do no/campo
Vamos então contemplar
Na contemporaneidade
Que prática realizar
É a sustentabilidade
Precisamos cultivar

Quais projetos educativos
Devemos desenvolver
Qual crescimento social
Os camponeses devem ter
De forma exponencial
Para a vida e o bem viver

Vamos então cirandando
Com a cultura popular
Com Freire a nossa frente
Outras práticas realizar
E nossa jornada decente
Se faz no esperançar

Os nos da opressão
Vamos agora desatar
Com outras relações
Na arte do respeitar
Por meio das ações
E da cultura popular

Agradecemos aos presentes
Carlos chegue para cá
E com nossas mãos dadas
Vamos na roda entrar
Ações bem engajadas
Com Freire a cirandar

Boa leitura!

MÍSTICA

Paulo Freire: inspirando insurgências coletivas para romper os “nós” da opressão e construir o esperançar

Abertura:

Enquanto estratégia de ensino-aprendizagem e momento de reflexão, no contexto da Educação Popular e dos movimentos sociais a mística tem um papel fundamental: ela nos convida a refletir acerca da realidade na qual estamos inseridos. Pensando com Freire, ela é um espaço de ad-miração, de problematização, de sensibilização, e de pensar coletivamente, explorando as dimensões humana, política, sociocultural, de valorização dos saberes, que se constituem e se amplificam “solidariamente”, constituindo-se num “saber solidário”, como nos lembrou Carlos Rodrigues Brandão.

A nossa mística consiste nesse movimento de estar com as pessoas (vocês), de aprender com elas (vocês), de refletir com e a partir do que cada um/a traz: angústias, indignações, utopias, inéditos viáveis, saberes experienciais... Ela se pautou, especialmente, nas *pedagogias da pergunta e da indignação*, por compreender a dialeticidade entre a indignação e a pergunta. Afinal, as perguntas podem ser uma representação das nossas indignações, levando-nos a questionar, a nos mobilizarmos, a manifestar as nossas indignações e reivindicações pela Educação Popular, pela EJA, pelos Direitos Humanos, pela interculturalidade na educação, e pela educação em diferentes contextos: no campo, quilombola, indígena, ribeirinho... pela educação pública, gratuita e de qualidade para as classes populares.

Por isso, nossa mística é denúncia, é anúncio, utopia, sonho, é uma forma de reafirmarmos o nosso compromisso ético-estético-político para romper os “nós” da opressão. Quem deu tantos “nós” na educação brasileira? Estes nós favorecem a quem? Quais são os nós, as amarras que cotidianamente afligem as nossas práticas? **Os nós da formação, da exclusão escolar. Os nós do currículo, da dominação, da hierarquização de saberes que refletem na escola. Os nós do desrespeito, da discriminação, do racismo, da**

desigualdade social... Todos eles atravessados pelos “nós” da política.

Todos estes nós, que nos impactam e que nos afetam, são também um convite à insurgências. A transformar estes “substantivados”, obstáculos, entaves, em um “nós” pronominal: um quefazer coletivo, reflexivo, onde as pessoas são sujeitos, agentes de transformação. Se “esperançar” é verbo, o “nós” é pessoalização, é humanização, por isso “nós esperamos, com arte e com gentes, refletindo e reinventando a nossa ação.

Cordel: Profa. Dra. Maria Aparecida Vieira de Melo.

Momento de intervenção: Desatar os nós, cartazes e perguntas: Auane, Celeste, Ana Cecília, Dayane, Katiane e Vivian).

Encerramento: Para desatar os nós, para a ampliação e a consolidação da nossa democracia, que bom seria se outras marchas se seguissem aos sem-terra, cujas práticas educativas desenvolvem místicas, contribuindo para a reflexão e para o pensar crítico. “A marcha dos desempregados, dos injustiçados, dos que protestam contra a impunidade, dos que clamam contra a violência, contra a mentira e o desrespeito à coisa pública. A marcha dos sem-teto, dos sem-escola, dos sem hospital, dos renegados. A marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível (Freire, 2022, p. 70). E pensando nestas marchas como espaço coletivo, de luta, de aprendizagens, reafirmemos a nossa luta e o nosso compromisso com a educação humanizadora neste movimento] circular, neste dar as mãos, formando uma grande Ciranda de luta pela educação.

E foi assim, nesta dinâmica itinerante que aconteceu o Pré-Colóquio Internacional Paulo Freire em sua segunda versão em Caicó.

RESUMOS EXPANDIDOS
EIXO 1
EDUCAÇÃO POPULAR, MOVIMENTOS SOCIAIS E SAÚDE

REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS FORMATIVOS COM JUVENTUDES, À LUZ DA PEDAGOGIA PASTORAL E DA PEDAGOGIA LIBERTADORA DE INSPIRAÇÃO FREIREANA

Carlos César de Oliveira²

O presente estudo voltou-se para experiências formativas vivenciadas em espaços não-formais de educação, tendo como objeto a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), que, desde o final da década de 1970, vem trabalhando com juventudes no âmbito da Igreja Católica. Trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado³, da qual destaco três movimentos: a investigação de processos formativos com juventudes; a compreensão de como se dão estas práticas e dos recursos didático-pedagógicos nela utilizados, e análise das possíveis aproximações entre as pedagogias Pastoral e Libertadora. Ancorado em uma abordagem qualitativa, o estudo recorreu a fontes documentais e bibliográficas, além da participação em ações formativas *in loco*, duas no ano de 2018 e duas em 2019, quais sejam: dois congressos, uma assembleia e um encontro de formação. Inspirado em Freire e Horton (2020), parto da premissa de que “o caminho se faz caminhando”, compreendendo que o professor-pesquisador vai se formando ao pesquisar e refletir sobre a sua prática. Friso, portanto, que uma marca deste estudo é a inspiração freireana, posto que se fundamenta no “saber solidário” (Brandão, 2016), na “curiosidade epistemológica”, nas “perguntas” e na “práxis” (Freire, 1987; 1996). Tudo isso me levaram a questionar: como se caracteriza a participação das/os jovens nas ações formativas desenvolvidas pela PJMP, tendo em Pedagogia Libertadora, de inspiração freireana? Frise-se que as questões desencadearam dois objetivos: investigar os processos formativos e analisar possíveis aproximações entre a Pedagogia

²Doutorando em Educação pelo PPGE PUC Rio, Educador Popular, Bolsista FAPERJ Nota 10. E-mail: carlosoliveira.prof@gmail.com

³A pesquisa de mestrado (02/2018- 02/2020) foi orientada pelo Prof. Dr. Luís Fernando Conde Sangenis. E no último – PPGEDU/FFP/UERJ – fui contemplado com uma Bolsa de fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Pastoral e a Pedagogia Libertadora (Oliveira, 2020). É importante destacar que a pesquisa foi desenvolvida de forma colaborativa, com a ida a campo, onde aconteceu a observação e o diálogo com outros sujeitos, o que resultou numa riqueza de registros. Além disso, foi possível notar o papel didático-pedagógico das místicas, das cirandas, a presença de linguagens artísticas (música, poesia, teatro), com mensagens e reflexões que contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico. Em relação a isso, o estudo destaca o “papel formativo” das místicas, como momento de sensibilização, de reflexão, de aproximação do objeto (ou da temática) estudada; e o papel das “cirandas”, como espaços colaborativos, horizontais, dialógicos, onde é possível olhar a outra pessoa e compreendê-la como par, como sujeito histórico, atentando para a sua dimensão sociocultural e para a importância do lúdico na aprendizagem. Em função disso, cada etapa da pesquisa de campo foi intitulada como “Ciranda⁴”. Conceitualmente, a pesquisa considerou diferentes entendimentos do que vem a ser pastoral, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, bem como as suas contribuições para o campo da Educação Popular. Nesse sentido, discutiu-se as formas de pastoralidade adotadas pela Igreja Católica ao longo de sua história, sobretudo na América Latina e no Brasil (Libanio, 1986), tomando como referência a concepção de Pastoral Libertadora. Ressalto que o estudo recorreu a referenciais históricos e teológicos (Revisão de Literatura), contextualizando o nascimento da Pastoral da Juventude do Meio Popular, em 1978, e sua evolução no Brasil. Nascida em um contexto histórico, teológico e pastoral específico, inspirada pela Teologia da Libertação e pela concepção de Educação Libertadora, a PJMP, juntamente com algumas pastorais e as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), representam uma aproximação entre a Igreja Católica e a sociedade, principalmente com as classes populares e as suas juventudes. Contudo, ao analisar os dados, notou-se que, nas últimas décadas, setores progressistas vêm perdendo espaço, tanto na Igreja, quanto na sociedade, e que políticos. Outros, porém, se formaram professores(as) e vêm atuando em diferentes campos,

⁴Em 2022 inspirou a criação das “Cirandas Freireanas”, que estuda Paulo Freire.

especialmente no campo da Educação Popular, em defesa da vida, de justiça social, direitos humanos, de educação pública, gratuita e de qualidade para as classes populares. Partindo da concepção de Pastoral Libertadora, foram analisadas práticas pastorais realizadas pela PJMP, dando ênfase à sua ação formativa e ao papel que elas exercem na formação das/os jovens. Ao final, o estudo afirma a importância dos espaços não-formais de educação, visto que a sua ênfase não está somente no aspecto cognitivo ou espiritual, mas na sua dimensão relacional e política. Por meio das “Círandas”, isto é, das ações formativas, foi possível analisar as aproximações entre a Pedagogia Pastoral e a Pedagogia Libertadora, estabelecendo interlocuções com o pensamento educacional de Paulo Freire e suas formulações acerca de uma educação libertadora, atentando para o papel da arte e da cultura popular nas práticas educativas. Na análise, foi possível destacar o aspecto prático-teórico da pesquisa, e ressaltar o papel da escuta e do diálogo na formação, com vistas a uma participação ativa, curiosa, inquieta e questionadora da realidade. Por fim, considero que as ações desenvolvidas pela PJMP, graças ao seu papel formativo, contribuem para a sociabilidade e para a troca de saberes. Mas, advirto que se trata de um espaço onde há embates, disputas, descontinuidades, afinal, cada pastoral, com sua concepção pedagógica, define os seus objetivos e finalidades a partir do modelo de Igreja e de sociedade desejados, assemelhando-se ao que acontece na educação formal.

PALAVRAS-CHAVE: Pastoral da Juventude do Meio Popular, Pedagogia Pastoral- Libertadora, Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculo de Cultura. In: STRECK, Danilo R, REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs). **Dicionário Paulo Freire**.3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 69-70.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HORTON, Myles; FREIRE, Paulo. **O caminho se faz caminhando:** conversas sobre educação e mudança social: organizado por BELL, Brenda; GAVENTA, John; PETERS, John; tradução de JOSCELINE, Vera; notas de ARAÚJO FREIRE, Ana Maria. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LIBANIO, João Batista. **O que é pastoral.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Primeiros Passos, 69).

OLIVEIRA, Carlos César de. **Pastoral da Juventude do Meio Popular “cirandando” em formação:** aproximações entre a pedagogia pastoral e a pedagogia libertadora. 2020. 251f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo-RJ, 2020.

O MOVIMENTO NACIONAL DE MENINOS E MENINAS DE RUA DE PERNAMBUCO NA LINHA DE FRENTE NA DEFESA DOS DIREITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA: TÁTICAS DA EDUCAÇÃO POPULAR

Alana Anselmo Carneiro⁵

Cláudia Maria Carlos⁶

João Natan da Silva⁷

A construção deste relato de experiência se baseia na vivência profissional e de militância dos autores no Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua de Pernambuco (MNMMRPE). Cujá atuação enquanto membros deste espaço se realiza na incidência política e formativa junto a sociedade civil e ao poder público, na preservação das garantias dos direitos humanos de crianças e adolescentes, especialmente as que se encontram em situação de rua. Sendo assim, o MNMMR/PE como uma organização da sociedade civil constituída em 1987, traz como missão a organização de meninos e meninas em situação de rua no fomento à consciência política, bem como no processo formativos de educadores sociais (MNMMR, s/p, 1995). Desta maneira o trabalho objetiva trazer uma discussão analítica das táticas utilizadas por este Movimento perante os impactos da gestão do governo nacional, neoconservador, brasileiro nos últimos anos, 2016 à 2022, no que tece a preservação das garantias de direitos humanos de crianças e adolescentes em contexto de risco social. Que em consequência dos retrocessos evidenciados na execução das garantias de direitos, embebido por uma lógica de manutenção da desigualdade e da desinformação,

⁵Educadora Popular, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Cultura e Identidade na UFRPE/FUNDAJ, membro da coordenação do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Ria de Pernambuco.

⁶ Educadora Popular, Bacharel em Serviço Social, membro ativista do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Ria de Pernambuco.

⁷ Educador Popular, Graduando em Pedagogia, membro ativista do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Ria de Pernambuco.

contribuiu com o desmantelamento de trabalho retrata uma pesquisa em sua fase inicial, o qual tem sido desenvolvido durante o Programa de Pós graduação em Educação, Cultura e Identidade da UFRPE/FUNDAJ. A vista disto, em um cenário de grandes desmontes das políticas públicas voltadas às crianças e adolescentes, o Movimento tem se mantido dentro de permanentes ações na promoção dos direitos e do protagonismo desses sujeitos na sociedade, adotando formas de ações coletivas na organização de meninos e meninas em situação de rua com o pensar crítico e reivindicatório, como na participação em espaços de controle social intersetorializados, na realização de formação para educadoras e educadores sociais de rua, que no cerne da educação social de rua se destaca o debate da construção coletiva, comprometida com o grupo formado pelas crianças e adolescentes em situação de rua, tendo como pressupostos a dialogicidade, a leitura da realidade, a ação-reflexão-ação e a conscientização (Liberalesso, 2008, p. 122). Salientando que as mobilizações promovidas nesses últimos anos pelo Movimento demonstram a retomada de importantes pautas reivindicatórias, com maior nível de diversidade de discussões e alcance da população, seja no papel reflexivo das violações, que vão deixando de ser naturalizadas pela desmistificação e confronto da cultura de dominação, seja nas práticas reivindicatórias pelas ruas, nos espaços de controle social e políticos onde há deliberações de propostas de leis, a fim de minar o antagonismo vivenciado rotineiramente pela população sobre suas garantias de direitos. Diante disto, considerar que as respostas via a execução da Política Publica para criança e adolescentes em conjunto as demais políticas, se tornam imprescindíveis na manutenção às garantias dos Direitos Humanos do referido público. Não restam dúvidas que o trabalho sócio educativo promovido por este espaço de socialização e construção de saberes nos implica olhares atentos ao simbolismo da proteção e do amparo as necessidades de crianças e adolescentes. Sendo necessário, portanto, incentivar ações que garantam à inserção desses sujeitos na lógica construtiva de acesso a informação e às garantias legais. Aponta Gonh, (2010), que a força do pensamento democrático avançado tem gerado uma prática educativa sustentada na produção

de saberes diversos, que resultam em práticas pedagógicas geradoras de mudanças benéficas a sociedade, e promovem movimentos com novas fontes de saberes. através do diálogo estabelecido entre educadoras e educadores sociais e as crianças e adolescentes. E por isso as vivências construídas estão entrelaçadas por contextos semelhantes, e, portanto, vão dando corpo a metodologias aplicadas mediante os recursos disponíveis ao grupo, na promoção de ações pedagógicas, culturais, esportivas, entre outras cuja ludicidade se torna fundamental nesse processo de interação e integração (MNMMR, 1995). Consequentemente a importância de problematizar essas práticas, diante de um cenário permanentemente ameaçador aos direitos humanos, pela sociedade tende a desvelar sentidos por realidades cuja educação social e popular seja uma importante aliada na eliminação dos sentidos de exclusão ou da lógica ideológica que a mantém. Neste sentido, o movimento atua na fomentação da governança de crianças e adolescentes, na formação político pedagógica de profissionais que atuam com famílias em vulnerabilidade social e no controle social das políticas públicas, cumprindo importante papel na organização, formulação e estabelecimento do Estatuto de criança e Adolescentes/ECA, conquistado por centenas de crianças e adolescentes, em Brasília no ano de 1990. São parte da trajetória desta organização a produção de materiais didáticos, pesquisas, capacitação para educadores/as sociais; a atuação nos conselhos de direitos nos níveis federal, estadual e municipal.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular, MNMMR/PE, crianças e adolescentes em situação de rua.

REFERÊNCIAS

GOHN. M. da G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010.

LIBERALESSO. R. de C. B. A educação social de rua e os pressupostos educacionais freireanos. Revista de Educação Educare, vol. 03, Rio Grande do sul. 2008.

MNMMR (1995). 10 anos de Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua.

UNICEF. Out. (Disponível no Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua.).

EDUCAÇÃO POPULAR CONTRIBUTIVA PARA A SAÚDE E O PROCESSO FORMATIVO DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO

Auane Sthefanny da Silva Nunes⁸

Monica Leticia de Medeiros⁹

Na visão de Freire, a educação é feita com o povo, é libertadora e está estreitamente ligada às relações sociais. Denominamos essa educação, de educação popular, uma abordagem centrada na participação ativa dos estudantes, a qual valoriza as suas experiências e saberes, e considera os conhecimentos prévios dos povos e suas diversas realidades. Quando se trata do contexto escolar, a educação popular tem um papel de extrema relevância, uma vez que, conduz a uma educação potencializada nas realidades culturais do indivíduo. Nesse sentido, a reflexão proposta neste trabalho objetiva analisar como o ensino na graduação facilita o processo de profissionalização com garantia de bem-estar dos estudantes. Especificamente, temos como objetivo i) descrever sobre uma educação popular na graduação ii) analisar os aspectos de saúde e bem estar que essa educação proporciona iii) refletir sobre o processo formativo bem articulado com promoção de qualidade de vida para os discentes. Para isso, tomamos como caminho metodológico a pesquisa qualitativa, por meio do relato de experiência e a análise de Bardin (2010). Esse trabalho também tem subsídios de pesquisa bibliográfica, para elucidar a investigação. Recorreu-se aos estudos de Freire, em suas obras intituladas *Pedagogia do Oprimido* (1987) e *Política e Educação* (1997). Partindo desses pressupostos, nos questionamos como a educação popular contribui para a saúde dos estudantes e para a sua permanência nos cursos de graduação possibilitando o seu processo formativo. A priori, é importante destacar que o ensino superior não se trata apenas de um espaço de treinamento técnico e

⁸Discente. História. UFRN. E-mail: auanesthefany238@gmail.com. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire.

⁹ Discente. Pedagogia. UFRN. E-mail: mdrsmonica17@gmail.com. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire.

profissional, esse ambiente mostra-se rico na variedade de sujeitos e suas origens. Ao que concerne esse fato, é proporcionado um encontro de diversos saberes, vivências e pessoas. É na graduação que somos apresentados aos diferentes hábitos e formas de vida. É uma fase marcada por inquietações e descobertas, onde há uma diversidade de interações e aprendizagens. É um espaço de experiências formativas que devem ser valorizadas. Consoante a isso, Freire (1987, p. 79) destaca que ninguém educa a si mesmo, e nem a ninguém, as pessoas se educam entre si, mediados pelo mundo e pelas interações. É nesse contexto, que se evidencia a relevância da educação popular neste espaço. Isso porque, a educação popular é uma prática que aborda uma educação mais dinâmica e que envolve os alunos no desenvolvimento do aprendizado. A mesma se concentra em promover uma educação acessível a todos, mediante suas origens e vivências. Nessa perspectiva, é importante enfatizar que, a abordagem da educação popular no ensino superior continua valorizando a participação dos estudantes nas atividades, desse modo, essa prática contínua e interativa traz consigo atividades práticas e inclusivas como projetos de pesquisa e debates abertos. Além de que, na graduação a educação popular em demasiadas vezes se amplia além das aulas englobando projetos de extensão, colaborações com organizações da região e tarefas que visam melhorar o modo de vida nas localidades, por meio de métodos participativos, diálogo crítico e aprendizado colaborativo. Posto isso, é inegável que a educação popular desempenha um papel fundamental no bem-estar dos alunos na graduação, promovendo o engajamento, o aprendizado significativo e o senso de pertencimento. Ela permite que os estudantes participem ativamente do processo de ensino-aprendizagem, desenvolvam habilidades críticas, possibilitando a construção de uma compreensão mais profunda dos conteúdos. A partir destas considerações, torna-se evidente que a educação popular contempla a diversidade de experiências e conhecimentos dos alunos inseridos no contexto da educação superior, uma vez que, cria um ambiente inclusivo e colaborativo, que promove a melhoria na qualidade da satisfação acadêmica, por meio dos contributos na autoestima do educando e seu empoderamento. Desse modo, há um

maior bem-estar emocional e social, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional na graduação. Ao reconhecer a importância da educação popular na graduação, devemos ir contra o modelo de educação que automatiza, controla e impõe um ethos dominante que não nasce do povo, mas serve para sua opressão. É necessário, sobretudo, pensar em uma pedagogia que propõe libertação e esperança, por meio dos saberes populares. Considerando essa premissa, é realizada uma ação transformadora, baseada no diálogo e na leitura dos diversos mundos, reconhecendo as condições de vida, atuando a partir da realidade, promovendo e organizando redes de apoio que promovam a educação popular no âmbito da educação superior. Segundo Freire (1997, p. 85) é necessário trabalhar com as classes populares discutindo com respeito seus sonhos, seus desejos, suas frustrações, seus medos e suas alegrias. Isto posto, é imprescindível a construção de uma educação que liberte, que seja mediada pelos saberes do educando e que contribua com o seu processo formativo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular, Graduação, Saúde.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PRÉ-COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE CAICÓ/RN
ISSN 2525-9393
Vol. 1
2023

RESUMOS EXPANDIDOS
EIXO 2
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: EJA COMO UM FATOR GARANTIDOR DOS DIREITOS HUMANOS

Celeste Aurora da Nóbrega Calixto¹⁰

Lara Emily de Araújo Fernandes¹¹

A reflexão proposta neste trabalho resulta dos estudos realizados na disciplina: Educação de Jovens e Adultos, no curso de Licenciatura de Pedagogia no CERES UFRN. O percurso da pesquisa nos levou a olhar para a história da EJA, em como a mesma foi tratada durante os tempos, como também, em como a EJA é um identificador de um ensino que garante o direito à educação, constitucionalmente garantido, mas que outrora foi negado, tornando-se assim um efetivador dos Direitos Humanos no país. Logo, questionamos por que a EJA mesmo diante de tantos avanços ainda na atualidade é desvalorizada, não alcançando a todos os cidadãos e cidadãs, objeto de um preconceito enraizado na nossa história social. Para podermos entender melhor a Educação de Jovens e Adultos (EJA) na contemporaneidade, é necessário fixarmos o olhar na sua história. No Brasil, essa trajetória começa muito cedo: desde a chegada dos Jesuítas é possível perceber uma forte intervenção da colônia portuguesa para que os indígenas fossem catequizados. Para isso, o entendimento da língua do colono, assim como sua escrita, se fazia essencial. Logo em seguida vieram os Franciscanos e alguns outros que, mesmo com tantas intervenções, não foram capazes de consolidar seus objetivos. Todavia, vale ressaltar que a maioria das intervenções, ao longo dos séculos, voltavam-se para uma forma equivocada de ensino-aprendizagem, haja vista que os alfabetizadores tinham uma visão limitada sobre os adultos analfabetos, o que

¹⁰Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduanda de Pedagogia. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GEPEPF).

¹¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduanda de Pedagogia. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GEPEPF).

resultava numa mediação que podia ser meramente infantilizada, ou seja, tinha-se o entendimento que o adulto que não sabia ler, poderia ser ensinado tal qual uma criança, ainda em seus anos iniciais. Não havia uma metodologia própria para atender esse público até o final do século XX. Ademais, o problema sobre o analfabetismo, ou a grande “chagas” da sociedade, sempre era colocado como culpa das próprias pessoas e da pobreza nacional. Na segunda metade do século XX, um grande pensador e pedagogo surge no cenário brasileiro: Paulo Reglus Neves Freire, que trouxe, a partir de suas pesquisas e intervenções, grandes marcos para a EJA, bem como um novo olhar para a alfabetização de jovens e adultos. Freire trazia uma educação que se preocupava não só com o aprender a ler e a escrever, mas com a singularidade do indivíduo que ali estava inserido. Ele entendia que essas pessoas precisavam que, além de tudo, sua realidade fosse levada em consideração. Assim, buscava uma educação que fosse, como cita Paulo Freire (1921 – 1997), [...] verdadeiramente capaz de construir cidadãos críticos, promovendo assim uma visão emancipadora, auxiliando na construção de uma nação verdadeiramente democrática de direito. Contudo, não se analisava que questões como essas poderiam estar relacionadas sobretudo, a fatos muito mais abrangentes, como os efeitos de uma sociedade em que a igualdade social estava (e ainda está) muito mais próxima de uma utopia. Ao longo de muitos séculos, muitos avanços foram surgindo, porém, sabe-se que ainda existe uma precarização muito grande acerca da temática. Os objetivos deste estudo são: analisar a história da EJA e como a mesma foi tratada durante o tempo, identificar a EJA como um fator de Direito Humano garantido (efetivo), destacar as conquistas da categoria e reavaliar os pressupostos fundamentadores e práticos de sua ação educativa. A metodologia utilizada é de caráter qualitativo, sendo feita por meio de uma revisão bibliográfica de autores como Freire (1997) e Santos (2016). Outrossim, a Constituição Federal de 1988, lei mais importante do país, garante diversos direitos como o acesso à educação, para todos os cidadãos brasileiros sem distinção de qualquer natureza. No entanto, na prática não se reverbera, pois quando se lança olhar para a Educação de Jovens e Adultos

percebemos que esta comunidade atendida já tiveram seus direitos humanos negados por diversas barreiras sociais construídas, e uma vez predominando o preconceito e discriminação estas são inferiorizadas em muitas instâncias de participação social. Uma vez desacreditadas de suas capacidades e habilidades, muitos abandonam o ensino e deixam de lutar, não por serem “fracas” ou “não inteligentes”, mas por causa de um sistema ainda retrógrado, falho e não-igualitário. Desse modo, a EJA torna-se um fator garantidor em nossa sociedade brasileira dos direitos humanos. Assim, o possível diálogo da EJA com a EDH ajudaria na possibilidade de revelar sujeitos (educandos/educadores) capazes de reconhecer seus lugares na história (Santos, 2016) ou ainda, capazes de auxiliar na formação de sujeitos transformadores de suas realidades, pessoas ativas na sociedade. Portanto, em virtude do mencionado, é bastante nítido que apesar de todos os avanços já realizados, a Educação de Jovens e Adultos ainda têm muitos aspectos a melhorar, tal como o olhar para a realidade dos seus discentes, assim como também um possível diálogo entre a Educação em Direitos Humanos. O simples letramento não é suficiente e isso já está em evidência há muito tempo. É preciso se preocupar com a realidade daqueles a quem essa modalidade de ensino se destina. Assim, não basta somente esquematizar e construir metodologias próprias, se a realidade dos educandos não está sendo levada em consideração.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos, História, Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997;

SANTOS, Thaíse da P. **Somos todos curriculantes? Diálogos entre Educação de Jovens e Adultos e a Educação em Direitos Humanos.** 2012.

RESUMOS EXPANDIDOS
EIXO 3
DIREITOS HUMANOS E CULTURA DA PAZ

GEPEPF: A PRÁTICA PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR PARA FORMAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Maria Aparecida Vieira de Melo¹²

A formação de professores deve ser um processo permanente (Freire, 1997). Requer um conjunto de saberes para que possa ser desenvolvida uma prática pedagógica inclusiva, de natureza interdisciplinar (Fazenda, 2013). Por isso, a reflexão crítica/analítica aqui empreendida faz jus a formação de professores para os direitos humanos (Benevides, 2007). O processo formativo inicial é crucial para que os educadores possam ir tomando consciência do quanto é preciso desmistificar certas visões excludentes que ainda imperam no imaginário social de nossa sociedade, sobre os direitos humanos, como por exemplo, ‘bandido bom é bandido morto’. Portanto, trabalhar a prática pedagógica de forma interdisciplinar torna-se uma das alternativas mais viáveis para que possamos praticar um currículo digno e justo (Arroyo, 2011), que possa representar aos anseios de todos os aprendizes. Em sendo assim, o objetivo geral é: apresentar as linhas do grupo de estudos e pesquisas da educação em Paulo Freire (2021), mais especificamente: descrever a dinâmica do coletivo para formação em direitos humanos, estabelecer o nexos das ações do grupo para formação em direitos humanos e, por fim, explicitar a importância do grupo de estudos e pesquisas da educação em Paulo Freire para os direitos humanos. Metodologicamente, parte-se de uma pesquisa de natureza qualitativa (Gil, 2012), por meio da autobiografia (Nóvoa, 1992), a qual proporciona uma autorreflexão em torno da experiência vivida em um dado contexto formativo e aqui será abordado o contexto do grupo de estudos e pesquisas da educação em Paulo Freire (CNPQ/UFRN, 2021), sob a liderança da professora doutora Maria Aparecida Vieira de Melo. Deste modo, são quatro linhas de pesquisa que consubstanciam os estudos e as

¹²Doutora em educação. Professora do departamento de educação do Ceres/UFRN. Diretora pedagógica do Centro Paulo Freire-estudos e pesquisas. Líder do grupo de estudos e pesquisas da educação em Paulo Freire.

pesquisas, eis: didática: educações e diversidades; educação de Jovens, adultos e idosos; educação integral e processos de ensino-aprendizagem: pedagogia decolonial. Estas linhas têm operado processos formativos diversos, sobretudo, eventos (lives, reuniões online e presencial) sobre a educação integral em parceria com o Comitê da educação integral – polo Caicó. Em parceria com o Centro Paulo Freire-estudos e pesquisas foram realizadas lives sob a ótica de Paulo Freire. A pesquisa-ação (Brandão, 1984) tem permeado as intervenções pedagógicas ocorridas com bastante recorrência com idas as escolas de Caicó para darmos conta dos aprofundamentos teóricos e práticos sobre a educação de jovens e adultos, com idas ao CEJA – Caicó; EETIJA- Caicó sobre a educação integral, também fomos a Cáritas de Caicó para vivenciarmos a linha de pesquisa processos de ensino-aprendizagem: pedagogia decolonial. A interdisciplinaridade é praticada no processo formativo através do protagonismo das bolsistas dos projetos de ensino, pesquisa e extensão que atuam nas mesmas ações, entretanto, fazendo jus a categoria que diz respeito ao seu projeto, como por exemplo, a bolsista do projeto de educação integral sob a ótica da decolonialidade atua focada na categoria da educação integral. Neste sentido, a dinâmica do GEPEPF é oriunda das ações: 1. encontros presenciais e para estudos da obra de Freire e de outras dos interesses particulares de cada participante; 2. eventos com apresentação de trabalhos com os membros participantes como a série diálogos com Paulo Freire em setembro (2023); 3. A organização do evento pré-colóquio internacional Paulo Freire (2023); 4. Participação em eventos presenciais com apresentação de trabalhos, como o SEPE/CERES (2023); 5. Pesquisa-ação nas escolas (no interregno deste ano, fomos a 5 escolas em Caicó); 6. Produção de ebook (autoria e organização) e publicação de artigos científicos; 7. Grupo de estudos pelo Centro Paulo Freire (2023); 8. Aulas ministradas no Ceres; 9. Palestras proferida; 10. Adesão a outros projetos de extensão como o pesquisa-ação na escola em parceria com o professor Cezar Bueno da PUCPR e o Meu nome é Johny em parceria com a Ana Luiza da EMCM/UFRN; 11. Organização do Encontro científico e cultural em parceria com José Crisólogo da Silva Sales da UNEAL. A

interdisciplinaridade promove assim o nexo sobre o processo de formação dos membros do grupo de estudos e pesquisas da educação em Paulo Freire, bem como as linhas de pesquisa são vivenciadas através da ação da interdisciplinaridade. Deste modo, ressalta-se que o processo formativo em prol dos direitos humanos por ser uma temática transversal requer ações igualmente transversais, por isso é importante a interdisciplinaridade para dar conta dos desdobramentos enunciativos em torno do processo formativo dos direitos humanos. O grupo de estudos e pesquisas da educação em Paulo Freire tem proporcionado aos seus membros uma experiência por meio do movimento duplo: a teoria e a prática. Ou seja, a indissociabilidade entre o discurso (teoria) e que/fazer (prática) permeia a posição protagonista dos membros presentes ações descritas que dinamizam o vir a ser do grupo. Isto é, o movimento formativo requer engajamento político e pedagógico (Freire, 1997), saberes necessários a prática pedagógica, sobretudo, voltada para os direitos humanos, articulação e participação ativa nas ações (reuniões de planejamento, reuniões de estudos e organização de eventos), escrita autoral dos saberes apreendidos oriundos das ações do GEPEPF. Em sendo assim, destacamos a relevância do grupo para o fortalecimento do coletivo, bem como o desempenho individual e coletivo que os membros têm assim vivenciado. O mais, é um grupo que tem alcançado a muitas pessoas através das redes sociais, logo há uma participação significativa das pessoas de todas as regiões do Brasil neste movimento formativo em prol dos direitos humanos, onde a pauta principal da educação é quem consubstancia todo e quaisquer ações. Portanto, o grupo de estudos e pesquisas da educação em Paulo Freire corrobora para a vivência da ação indissociável entre a teoria e prática, movimento que é posto na experiência dinâmica do processo formativo em prol dos direitos humanos que em sua transversalidade, nos requer deslocamentos territoriais formais e informais da sistematização dialógica dos saberes (Freire, 1997) entre os sujeitos engajados político e pedagogicamente nos processos formativos.

PALAVRAS-CHAVE: GEPEPF. Interdisciplinaridade. Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

BENEVIDES. M.V. Direitos Humanos: desafios para o século XXI. In: Silveira. In: Silveira, Rosa Maria Godoy et al. **Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos**, João Pessoa: Editora Universitária. 2007.

BRANDÃO, C.R. A participação da pesquisa no trabalho popular. In: Brandão, C.R. (Org.) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, p.223-252. 1984.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). **O que é interdisciplinaridade?** - 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática docente**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

GIL, Antônio Carlos. (2012). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In:(Org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS: PRESSUPOSTO DECOLONIAL E ANTIRRACISTA

Dayane Lopes de Medeiros¹³

Pensando a educação como formadora de consciências críticas e ativas e os rumos aos quais a escolarização vêm levando a sociedade brasileira, é urgente pensar uma intervenção voltada para os direitos humanos no país. Tendo a utopia como mola propulsora para uma realidade desejável, na esperança de ser conquistada, mas, que essa esperança se transforme em ações concretas através da educação. A Educação atual brasileira precisa se pautar em uma perspectiva antirracista firmada nos Direitos Humanos voltados para a decolonialidade. Começando por uma adequação à realidade dos educandos que proporcione conhecimento histórico real e com possibilidades de criticidade. Surge então um questionamento: Como avançar na perspectiva de uma Educação para os Direitos Humanos que dialogue com a nossa realidade de desigualdade e de necessário enfrentamento às estruturas racistas da sociedade? Talvez, analisar as críticas ao discurso dominante dos Direitos Humanos desde o pensamento decolonial e como a educação em direitos humanos busca alcançar sociedades culturalmente plurais possa ser um caminho. Considerada a importância de combater as desigualdades e as opressões, como o racismo vivenciado na nossa sociedade, a partir da perspectiva da formação de uma cultura racial de direitos humanos de fato. Compreendendo que a liberdade e igualdade presentes no sistema escolar brasileira permeia o ocultamento da história, distorção da mesma e exclusão das culturas dos povos negros e originários. Fica clara a urgente necessidade de implantação de um novo sistema educacional que vise à autonomia de seu povo proporcionando a consciência de sua capacidade na construção de um

¹³Graduanda em Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Integrante ao Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GEPEPF/UFRN). Membro associada do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas (CPFreire, PE). Email: daymayaralopes@gmail.com

futuro real tendo como garantia constituinte: “Ninguém será prejudicado ou privilegiado, em razão de nascimento, raça, cor, sexo, estado civil, trabalho rural ou urbano, religião, orientação sexual, convicções políticas ou filosóficas, de deficiência física ou mental, e qualquer particularidade.” (Gonzalez, 2020). A escolarização foi implantada no Brasil, assim como em outras nações, como medida de dominação, ferramenta de adestramento juntamente com outras medidas que obtiveram sucesso. Contudo, podemos usá-la a nosso favor a través da transformação de nossas ações. Pires, 2018, p. 67, diz que “Levando em conta os efeitos do colonialismo jurídico, defende-se que só faz sentido pensar em ações estratégicas com o uso do direito (usando o direito contra o direito) se estamos pactuados com as limitações desse campo.” Para conseguir lutar contra o sistema posto e fortemente enraizado intimamente em cada brasileiro é preciso destacar a perspectiva da decolonialidade na educação como ponte para abrir os olhos do povo desvalorizado. Trazendo a história e a cultura do povo negro, indígena, imigrante; a valorização da mulher como digna de respeito e de uma vida feliz; a comunidade LGBTQIAPN+ como sendo parte essencial da humanidade; mostrando o que de fato é feito na economia e para onde vão “nossos” impostos, e que tudo faz parte de uma colônia escravizada até hoje por meio de leis fajutas e distorcidas. A maior força da educação decolonial é desmanchar a falsa crença de um branco burguês bondoso, empresário e herói do povo (salvador da pátria). “Nós temos que estar atentos, [...] — parece-me que um dos aspectos fundamentais da nossa estratégia passa por aí — e mobilizar os setores progressistas não negros da sociedade brasileira para que, unidos, possamos construir uma nova sociedade” (Gonzalez, 2020, p. 13). Nesta citação, é importante notar a luta por valorização que parte da ideia de união e aceitação de um povo em relação a sua cultura e sua potência. Educação para os Direitos Humanos é isso, é pensar a transformação da sociedade a partir de práticas pedagógicas que unam a população marginalizada, escravizada e as guie pelo caminho de atuação política. Atuação política crítica e consciente. Uma educação para a liberdade advinda do pensar sistematicamente em vias formativas estruturais e sociais. Afinal, enfrentar o sistema

tem a ver com superá-lo também, superá-lo no sentido de saber lidar com ele aprendendo e conquistando o que, geralmente, não é destinado aos mais desfavorecidos economicamente. Para a construção de uma sociedade culturalmente plural, valida-se o estudo de Fernanda Frizzo Bragato¹, 2014, que faz enxergar os direitos humanos postos como “existentes” nas leis do país sendo hegemônico, fantasioso, pois favorece apenas algumas classes dominantes e detentoras do poder político, econômico, cultural e social. Na busca por sociedades culturalmente plurais é básico, válido e vantajoso “esperançar” (Paulo Freire). A Utopia não é o fim, não é o sonho, mas, o caminho para se pensar a realidade desejada. Somente através dela há possibilidade de alcance de uma nova humanidade, ou resgate da mesma. É consentâneo educar embasado nos direitos humanos e nas perspectivas decoloniais acreditando na existência de fortes e fundamentadas utopias voltadas para a criação de sociedades morais e plurais em todos os sentidos, mas, reais em cada pedaço de terra existente. “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero” (Freire, 1981, p. 97). Destarte, o esperançar é revolucionário e guia-nos a transformação da realidade partindo de sonhos, esperanças, objetivos, metas. Tendo pelo que viver, o sujeito tem pelo que aprender e mudar para melhoria de sua condição econômica social proporcionando vida digna a si mesmo e aos outros. Através da revisão bibliográfica, com a utilização de fichamentos dos textos de (Freire (1981), Bragato (2014), Gonzalez (2020), realizamos uma pesquisa qualitativa, ainda em andamento, obtendo os primeiros resultados analisados à luz de Bardin, 2010. A elaboração de novos objetivos e a estrutura de análise através de quadro sistematizado em escolha de textos base do estudo, aparece em fase de organização e intentamos compreender melhor a ideia de uma educação em direitos humanos decolonial e antirracista. No momento, podemos afirmar que a educação problematizadora, para a consciência crítica e contra a barbárie fazem efeito e vêm mudando tudo ao nosso redor, como o direito conquistado hoje de um negro entrar na universidade e em outros locais que antes era apenas para pessoas cuja pele fosse branca. O segredo está para ser descoberto: almeja-se descortinar o

movimento itinerante do educar em vias decoloniais, populares e solidárias. O protagonismo estudantil vem desempenhando interessante papel no caminho pela transformação social, estando a educação no centro de toda ação potencializadora.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em Direitos Humanos, Decolonial, Antirracista.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BRAGATO, Fernanda Frizzo. Para além do discurso eurocêntrico dos direitos humanos: contribuições da descolonialidade. **Revista Novos Estudos Jurídicos**, Eletrônica, Vol. 19 - n. 1 - jan-abr 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GONZALEZ, Lélia. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 375 p.

EDUCAÇÃO INTEGRAL LIBERTADORA: UMA PAUTA ACERCA DA DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO À LUZ DE PAULO FREIRE

Arthur Anthonés de Araújo¹⁴

Dayane Lopes de Medeiros¹⁵

Maria Aparecida Vieira de Melo¹⁶

A reflexão acerca de uma educação libertadora perpassa as questões de gênero e diversidade sexual. Todos os dias, segundo a mídia, milhares de pessoas sofrem violações dos seus direitos em razão de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. Essas violações causam profundos impactos negativos às pessoas e a toda a sociedade, pois atentam contra os direitos humanos, à dignidade da pessoa humana e violam o direito à vida e à liberdade de existir. Uma educação integral para o respeito à diversidade sexual e de gênero deve ser empreendida, haja vista a extrema necessidade de garantia e fortalecimento dos direitos dos cidadãos. A elaboração deste estudo se justifica pela necessidade de refletir acerca de uma educação para a diversidade, de fato, quando dois jovens graduandos de pedagogia se percebem no sentido da ausência de uma educação integral para os LGBTQIAPN+. Objetiva-se escavar a categoria “diversidade” e obter ideias que sirvam como ferramentas educativas na promoção dos direitos à diversidade sexual, com foco na comunidade estudantil da Universidade Federal do RN. Como objetivos específicos: refletir sobre a possibilidade de uma educação para a diversidade; analisar

¹⁴Graduando em Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Educação Étnico Racial (LENTE). Email: arthur.anthonés@hotmail.com

¹⁵Graduanda em Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Integrante ao Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GEPEPF/UFRN). Membro do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas (CPFreire, PE). Email: daymayaralopes@gmail.com

¹⁶Professora Doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GEPEPF/UFRN). Diretora Pedagógica do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas (CPFreire, PE). Email: m_aparecida_v_melo@hotmail.com

como a educação integral abarca a população LGBTQIAPN+ do Ceres e explicitar os motes de uma educação integral para os direitos humanos em bases freirianas. A luta política do Movimento LGBTQIAPN+ é forjada no seio das localidades e globalidades, alcançando as pessoas em suas diferenças com respeito, valorização, amizade, credibilidade e amor. O Movimento LGBTQIAPN+ proporciona um olhar ativo para as práticas educativas diferenciadas e alternativas, contrárias à perspectiva tradicional, hierárquica e neoliberal de educação. A educação integral que se vem pautando na Universidade Federal do RN, ainda engatinhando em uma luta travada pelo Comitê Territorial de Educação Integral do RN, que atualmente, entre tantas conquistas, conseguimos angariar um componente curricular optativo intitulado “Seminários de Educação Integral”, ministrado pela professora Doutora Maria Aparecida Vieira de Melo e pelo professor Geovar Miguel dos Santos (ambos coordenadores do Comitê Territorial de Educação Integral do RN). As aulas têm levado ao pensar uma educação para a diversidade e guiado a sociedade no desejo por escolas integrais com uso da Pedagogia do diálogo, da horizontalidade e do reconhecimento da pluralidade humana e suas múltiplas dimensões, identidades, sexualidades, crenças, culturas. Ou seja, o ideal é inspirado na educação freiriana, com manifestações pedagógicas nas rodas de diálogo, metodologias ativas flexíveis e nas diversas ações e atividades que partem de uma educação formal e não formal. Paulo Freire propõe uma educação emancipadora pautada na transitividade crítica. Para Freire: “A transitividade crítica por outro lado, [...] se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Pela substituição de explicações mágicas por princípios causais. Por procurar testar os “achados” e se dispor sempre a revisões.” (Freire, 2009, p. 69). Ou seja, a educação pautada no ato de empoderar outros sujeitos que ainda estão imersos e imersas num processo de alienação, de reprodução do machismo, da LGBTfobia, do classismo e do racismo. Na UFRN, tentamos combater o desrespeito à diversidade através de eventos que propõem diálogos universitários sobre a temática, expondo as intempéries daqueles que mais sofrem com a discriminação e buscando amparo e aprofundamento teórico

epistemológico que esteja de acordo com as experiências contadas e que contribuam com o desenvolvimento de uma outra forma de realizar educação universitária e conseqüentemente educação básica. Um desses eventos é o SAARAS - Seminário de Aprendizagens Anti-Racistas do Seridó, que já está em sua quinta versão acontecendo anualmente consecutivamente. Paulo Freire, o Patrono da Educação Brasileira, não falou ou discutiu claramente sobre as identidades LGBTQIAPN+ em suas obras, mas seu pensamento se coaduna à proposta de educação cidadã para a solidariedade, liberdade e emancipação dos homens e das mulheres que reivindicam através do Movimento e lutam pelo reconhecimento da opressão posta contra esses/as cidadãos/ãs. A sintonia entre o pensamento de Paulo Freire sobre a humanização da educação e a ideia de respeito a dignidade de todos, dialoga com a integralidade existente no todo dos sujeitos envolvidos no processo educativo, dando ascensão ao protagonismo de milhões de LGBTs que militam mundo afora em busca do princípio básico de um viver justo com igualdade de direitos e cultura de paz. Em “Pedagogia do Oprimido” e “Educação como Prática da Liberdade”, Paulo Freire tece reflexões que relacionam à resistência a homofobia e a heteronormatividade (Louro, 2009) que vão contra a diversidade de gênero numa relação de poder comparada à ideia de opressores/as e oprimidos/as, em uma sociedade normatizada, vigiada e punitiva. O Brasil se desenvolveu embasado em condições negativas e contrárias ao sentido de democracia. Paulo Freire já dizia que na história brasileira encontramos fortes resquícios de uma “inexperiência democrática” (Freire, 2009, p. 74). A colonização, fortemente predatória, é a base de nossa economia, e com ela, o trabalho escravo foi motim para criação de condições necessárias ao desenvolvimento de uma mentalidade permeável, flexível, característica do clima cultural democrático, no homem brasileiro (Freire, 2009, p. 74 e 75). Chega-se à conclusão, que para essa educação utópica, integral, para paz e cidadania, será necessário ensinar para o reconhecimento das diferenças, das características inerentes à cada sujeito vivo, levantando a bandeira do Movimento LGBTQIAPN+. Com diálogo autêntico, desde a construção do plano de aula em coletivo com os estudantes e com a comunidade, reunindo

projetos de ensino, pesquisa e extensão e ação colaborativa, flexível e libertária, aceitando críticas e utilizando-as para a transformação do modo de educar em sistemática, é possível fazer outra educação para o oprimido, o marginalizado, desvalorizado em diversos âmbitos. Nessa direção, o Movimento LGBTQIAPN+ tem procurado se organizar com vistas ao enfrentamento das dificuldades sociais. Reitera-se a utilização de estratégias políticas diversas, destacando fortemente a pressão por uma educação pública e de qualidade, educação pautada na proposta de Paulo Freire e nas ideias de quem não tem oportunidades, de quem sofre na pele a discriminação de gênero e sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade Sexual e de Gênero, Educação Libertadora, Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 84-93.

CENTRO DE CONVIVÊNCIA CULTURAL ITINERANTE: UM PROJETO ALINHADO A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E A PESQUISA DE PAULO FREIRE

Dayse Diná Santana Lucena¹⁷

Letícia Araújo da Silva¹⁸

O presente texto caracteriza-se por uma proposta de território educativo, que partirá inicialmente da investigação das necessidades educacionais do município de São João do Sabugi- RN, incluindo também, um mapeamento das potencialidades da população sabugiense e do território municipal. Apropriando - se desse estudo prévio, a proposta concretizar-se-á no Centro de Convivência Cultural Itinerante, espaço destinado a realização de oficinas formativas temáticas aos moradores de São João do Sabugi, onde, toda prática será alinhada à concepção de Educação Integral e à pesquisa de Paulo Freire. Para isso, objetiva-se o estabelecimento de parcerias com artesãos, artistas e profissionais de diversas áreas para realização das oficinas formativas sobre artesanato, culinária, esporte, agroecologia, arte, saúde, dança e fotografia, visando a emancipação individual dos moradores. As oficinas formativas proporcionaram um desenvolvimento multidimensional aos cidadãos sabugienses, inclusive, o desenvolvimento cognitivo, intelectual, emocional, cultural, social, artístico, espiritual, político e físico. Com isso, o Centro de Convivência Cultural Itinerante estaria colocando em prática a concepção de Educação Integral e a pesquisa de Paulo Freire no momento em que oferecesse uma formação integral, transformadora, crítica, emancipadora e para liberdade. Vale acrescentar que o Centro de Convivência Cultural Itinerante buscará valorizar a diversidade cultural, outros territórios educativos além da escola, os saberes populares, as diferentes realidades, o diálogo, a

¹⁷Graduanda em Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. daysedina@gmail.com.

¹⁸Graduanda em Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. leticia.silva.148@ufrn.edu.br.

comunicação, a autonomia, a democracia, a criticidade e o envolvimento de toda comunidade sabugiense. Diante disso, o centro de convivência cultural itinerário romperia com a chamada - por Paulo Freire - “incidência depositária”, ou seja, com o depósito de conhecimentos e conteúdo, oferecendo oficinas em que os participantes fossem ativos e produtores de conhecimento. Vale ressaltar também a proposta de valorização dos saberes populares presente na comunidade que será promovida.. Outrossim, o Centro de Convivência Cultural será itinerário reconhecendo a diversidade de territórios educativos presentes no município de São João do Sabugi-RN, como exemplo, a natureza, a rua, os bairros, a praça, o campo, o beco da alegria, a biblioteca pública, as hortas, a Serra do Mulungu, o Rio Sabugi, Pracinha de alimentação, o campo de futebol, o ginásio poliesportivo, a Casa da Cultura, a Filarmônica Honório Maciel, o Cruzeiro e as pracinhas dos bairros. Ao decorrer das oficinas será realizado gravação de vídeos e fotografias para divulgar o centro de convivência cultural itinerante e no final de cada oficina será feito uma roda de conversa para analisarmos se os objetivos estabelecidos no projeto estão concretizando- se na prática. O inédito viável desse trabalho, vem como a proposta deste Centro de Convivência Cultural Itinerante: um projeto alinhado à concepção de Educação Integral e a Pesquisa de Paulo Freire em busca de combater “as situações limitantes” presentes no município de São João do Sabugi- RN. Com isso, “as situações limitantes” que Paulo Freire retrata em seu livro Pedagogia do Oprimido seriam as necessidades ou problemáticas educacionais presentes no município de São João do Sabugi- RN. Segundo Paulo Freire (1970), “no momento em que a percepção crítica se instaura, na ação da mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a empenhar- se na superação das ‘situações limitantes’”. Por isso, é preciso lutar e se apropriar dos processos para que um dia o centro de convivência cultural possa vir a ser um um inédito viável a partir do estabelecimento de parcerias, doações, elaboração de políticas públicas, colaboração do município e participação de toda comunidade sabugiense. Para assim, como aponta Paulo Freire (1979) “no momento em que estes as percebem não mais como uma ‘fronteira

entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o mais ser', se fazem cada vez mais críticos na sua ação, ligada àquela percepção". O centro de convivência cultural é um meio de transformação e emancipação social, pois teremos como resultado sujeitos conscientes dispostos a transformar a sua história, autônomos, partícipes, críticos, democráticos, ativos, protagonistas, reflexivos, produtores de conhecimento e dispostos a transformar a sua realidade. Dessa maneira, o centro de convivência cultural itinerário pode vir a ser um caminho para os moradores de São João do Sabugi- RN se emanciparem socialmente, politicamente e integralmente.

PALAVRAS-CHAVE: Centro de Convivência Cultural; Itinerância; Oficinas Formativas.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 4ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 23ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.

“VOZES DA LUTA FEMINISTA”: O EMPODERAMENTO FEMININO DAS MULHERES DO JOÃO XXIII EM PARCERIA COM O PROJETO “MEU NOME É JHONNY”

Thássila Tamires Batista Alves¹⁹

Marcela Eduarda Gomes Grande²⁰

Aliny Thaisy Araújo Costa²¹

As relações sociais que envolvem as questões de gênero/sexo são problemáticas que englobam o modo *operandi* do sistema capitalista, tendo o trabalho como a centralidade dessas relações, consolidando uma aliança indispensável com o patriarcado. Juntos promovem um sistema de opressão e exploração, retroalimentam-se e se apadrinham em defesa dos seus interesses próprios e da manutenção do poder. Por via de regras, essas relações estruturais enquanto manifestação das expressões da questão social²² são compreendidas a partir dos pilares: Classe, Raça e Sexo²³, uma relação indispensável no pensamento materialista-histórico-dialético. De acordo com Saffioti (2004), esse nó corporifica as opressões e subordinação que circundam os corpos e

¹⁹Bacharel em Serviço Social. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Direitos Sociais (PPGSSDS – UERN) e Residente no Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica (EMCM – UFRN). E-mail: thassilaalves619@gmail.com.

²⁰Bacharela e Licenciada em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Residente no Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica (EMCM – UFRN). E-mail: enfmarcelagrande@gmail.com.

²¹ Bacharel em Odontologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Residente no Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica (EMCM – UFRN). E-mail: thaisyaliny@gmail.com.

²²Conjunto das expressões políticas, sociais e econômicas vinculadas ao conflito entre o capital e o trabalho, impostos pelo surgimento da classe operária e seu ingresso no cenário político no curso da constituição da sociedade capitalista (Netto, 2006, p. 17).

²³“A posição assumida aqui é que classe, sexo e raça/etnia se constituem enquanto relações sociais estruturais de exploração, opressão e apropriação, que produzem e organizam as determinações da realidade social. Relação social definida pelo antagonismo entre grupos sociais organizados em torno de uma questão – sexo, classe, raça/etnia, mas que também são os modos como os grupos sociais produzem seus contatos e trocas” (Soares; 2019, p. 73).

vida das mulheres. Dessa forma, é próprio da lógica do sistema patriarcal condicionar esse grupo a não se perceberem enquanto sujeitos de autonomia. Esse enredo cria barreiras para que as mulheres não se entendam enquanto protagonistas da sua própria história, essas amarras podem ser superadas mediante a construção coletiva da união feminina. A proposta da presente leitura é relatar como o projeto “Meu nome é Jhonny” tem contribuído para a articulação das mulheres do bairro João XXIII – Caicó/RN. Tendo como objetivo discutir acerca das relações de dominação vivenciadas pelas mulheres em situação de vulnerabilidade social e fortalecê-las, no sentido de construir através dos espaços ofertados pelo projeto de extensão “Meu nome é Jhonny”, autonomia e consciência de classe, no que concerne seus direitos sociais. Na execução do projeto, partimos do entendimento de que o processo teórico- metodológico se configura na construção dialética, no qual conhecimento e realidade se apresentam articulados como totalidade, utilizando a perspectiva do método Marxista: o Materialismo-Histórico-Dialético. Com o fito de possibilitar uma leitura ampla da realidade a ser estudada, trabalhamos em parceria com as mulheres do Bairro João XXIII do município de Caicó-RN, a proposta consiste em dialogar com todos os seguimentos femininos desse espaço e fortalecer as potencialidades do território, proporcionando um ambiente de reflexões através de rodas de conversas e círculos de cultura na metodologia Freiriana, abordando temáticas como: violência de gênero, sexualidade feminina, saúde da mulher, união e coletividade feminina e empoderamento feminino, contribuindo com o pensamento crítico e analítico desses sujeitos. Tendo como aporte teórico: SAFFIOTI (2004), SOARES (2019), NETTO (2006), dentre outros autores. O bairro João XXIII, localizado na zona oeste do município de Caicó-RN, desenvolveu-se a partir de um terreno doado pela Diocese local e foi edificado sem apoio do poder público de forma desordenada. Atualmente, é um espaço estigmatizado no imaginário da população como centro de violência, drogadição e prostituição. Entretanto, se constitui como um bairro potencialmente forte quanto a participação popular, cultura, dentre outros aspectos. Tais potencialidades se materializam nos grupos de atividades culturais como a Sede dos

Negros do Rosário, grupos para práticas de esporte, como capoeira, Conselho Comunitário, entre outros. A partir do olhar epistemológico e compreendendo a grandiosidade desse espaço sócio-histórico, político e cultural foi idealizado o Projeto de Extensão “Meu nome é Jhonny: Agroecologia e Saúde no desenvolvimento de Tecnologias Sociais no bairro João XXIII”, que tem como objetivo geral fomentar a prospecção de oportunidades tecnológicas para inovação dos arranjos sociais e culturais locais junto às pessoas que residem nessa comunidade. Com base nas atividades desenvolvidas no projeto, foram subdivididos grupos de trabalhos, sendo estes: GT1 Espaço e Território; GT2 Controle Social; GT 3 Empoderamento Feminino e GT4 Escola Mateus Viana, atuantes no bairro, com finalidade de realizar ações que somem a identidade e pertencimento desse território, reconhecendo as pessoas dessa comunidade como agentes construtores do saber popular. Dando seguimento aos trabalhos realizados no GT4 de Empoderamento Feminino foram realizados três encontros com as mulheres do bairro. O primeiro encontro tratou sobre saúde da mulher e foi intitulado de “MULHERES DE TODAS AS IDADES: vamos conversar sobre Saúde da Mulher?”, que aconteceu na Unidade Básica de Saúde do bairro, e foi conduzido pela enfermeira residente Marcela Grande, no dia 11/10/2023. O segundo encontro, intitulado de “MULHERES DE TODAS AS IDADES: vamos falar de sexualidade feminina?”, que aconteceu no dia 17/10/2023, na Escola Municipal Professor Mateus Viana, mediado pela assistente social residente Thássila Alves. Já no dia 06/11/2023, foi realizado o terceiro encontro, com o tema “MULHERES DE TODAS AS IDADES: venha contar a sua história!”, que aconteceu na sede dos Negros do Rosário, mediado pela coordenadora do projeto Ana Luiza Oliveira. Enquanto fruto desses momentos, construiu-se um grupo de mulheres denominado: “Entre Elas, As Mulheres do João XXIII”. Essas ocasiões têm guiado aberturas para aprofundar reflexões acerca da temática sobre a mulher na nossa sociedade, elevando o senso crítico do gênero feminino no bairro do João XXIII. A importância de explicar esses assuntos gera meios de pensarmos que se outrora, as mulheres já

conseguiram conquistas simbólicas e que mudaram o roteiro de vida destas, agora essas conquistas criam novas percepções. O projeto de extensão vem possibilitando a reflexão analítica sobre o gênero feminino, revelando na classe feminina seu reconhecimento em torno das violências de gênero, que representam para além de uma dívida histórica, a desvalorização das mulheres na sociedade patriarcal, de modo que esses seguimentos sociais mais vulneráveis se politizam, dando vozes as mulheres historicamente silenciadas e construindo correntes de lutas que libertem elas das amarras do sistema de opressão e violações.

PALAVRAS-CHAVE: Violência de Gênero, Empoderamento Feminino, Direito das Mulheres.

REFERÊNCIAS

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Morais. **Feminismo, Divisão Sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.

KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena. *et al* orgs. **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

NETTO, J. P. Capitalismo monopolista e Serviço Social. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006b. PATEMAN, Carole. **O contrato Sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

QUEIROZ, Fernanda Marques de. *et all*. Assédio Moral e Sexual no Trabalho: uma reflexão sobre a violência contra a mulher no espaço produtivo. In: **Políticas Sociais, Serviço Social e Gênero: múltiplos saberes**. Mossoró-RN: Edições UERN, 2013.

SAFFIOTI, Heleith. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004/2013.

SOARES, Suamy Rafaely. **Feminismo no sertão:** as particularidades da Frente de Mulheres no Cariri cearense. Tese de doutorado em Serviço Social defendida Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife: UFPE, 2019.

RESUMOS EXPANDIDOS
EIXO 4
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, DIVERSIDADE E JUSTIÇA
SOCIAL

O SISTEMA DE COTAS RACIAIS COMO AGENTE DE DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À EDUCAÇÃO SUPERIOR

Emanuelle Deyse dos Santos Almeida²⁴

Maria Aparecida Silva de Oliveira²

No Brasil, a desigualdade racial, citada por Freire (1992) como uma discriminação agressiva, ostensiva e às vezes disfarçada, mas de malvez constante, é um fenômeno antigo e que afeta maior parte da população, sobretudo os indivíduos pertencentes aos grupos étnico-raciais, haja vista que segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, realizada no ano de 2022, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 55,9% dos brasileiros não se consideram brancos, autodeclarando-se como pretos e pardos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023). Desse modo, Trevisol e Nierotka (2015) afirmam que apesar desses sujeitos sociais ocuparem uma extensa parcela da população nacional, estes ainda enfrentam desafios no que diz respeito ao acesso à educação superior, particularmente às universidades públicas federais. Evidenciar esses desafios implica, sobretudo, na apresentação de um sistema que se desenvolve em diferentes concepções. Para Almeida (2019), o racismo como grande aparato na criação de desafios, pode ser analisado por até três definições: individualista, institucional e estrutural. Essas concepções, podem ser visualizadas como tipologias na estrutura dessa violência. Nos referimos aqui a última delas sendo o racismo institucional, como fator implicante no acesso e permanência de grupos étnico-raciais ao ensino superior. Sobre essa concepção, Almeida (2019) apresenta uma conceituação e explica que “em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana,

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: emanuelledeyse123@gmail.com.

² Graduanda em História Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire. E-mail: oliveira.s.maria28@gmail.com.

as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade.” (Almeida, 2019, p. 32). Compreender a existência desse sistema se torna imprescindível para criação de políticas que garantam uma rede de possibilidades e de acesso. Nesse viés, surge a Lei nº 12.711/2012, que passou a ser conhecida como a “Lei de Cotas”, pois prevê a reserva de vagas nas universidades federais e nas instituições federais, para candidatos de escola pública, provenientes de grupos familiares com renda igual ou menor que um salário-mínimo e meio por cabeça, além de pessoas com deficiência, como também, para os indivíduos autodeclarados pretos, pardos e indígenas (Brasil, 2012). Visando esses aspectos, o referido trabalho surgiu a partir do seguinte questionamento epistemológico: Como as cotas raciais proporcionam a democratização do acesso ao ensino superior? Sendo assim, para responder à indagação realizada, o resumo possui como objetivo geral destacar os benefícios que as cotas raciais proporcionam na democratização do acesso à educação superior para os estudantes pertencentes aos grupos étnico-raciais. Já em relação aos pontos específicos, o trabalho tem o intuito de analisar o impacto das políticas de cotas raciais no acesso e permanência de estudantes de grupos étnico-raciais no ensino superior e evidenciar as cotas raciais como agente na promoção de justiça social e no processo de reparação histórica. Entendemos a importância da permanência da lei nº 12.711/2012, assim como, compreendemos a relevância de debates que assegurem políticas que garantam a sua funcionalidade, dessa forma, o nosso debate parte da ideia que o sistema de cotas age como um agente democratizador, garantindo o acesso de grupos étnico-raciais a espaços majoritariamente “brancos”, comitadamente, deduzimos que é preciso que haja uma espécie de rede de apoio que garanta a permanência desses indivíduos nesses espaços, uma vez que eles se tornam desafiadores devido a estrutura social vigente. Adotar essa análise reivindica para a lei de cotas raciais o título de agente promotor de justiça social e de reparação histórica, visto que esses grupos passaram e passam por um sistema perverso que busca arduamente deslegitimar suas existências. A garantia de acesso à

educação superior contribui para o processo de libertação e democratização, posto que “além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político.” (Shor e Freire, 1986, p. 17). Ademais, tendo em vista os argumentos apresentados anteriormente, o diálogo teórico foi possível por meio da contribuição de autores e obras como: Freire (1992) “Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido”; Silvio Luiz de Almeida (2019) “Racismo estrutural”; Ira Shor e Paulo Freire (1986) “Medo e ousadia: o cotidiano do professor”; Trevisol e Nierotka (2015) “Lei das cotas” e as políticas de democratização do acesso ao ensino superior público brasileiro”; entre outros que contribuíram para a construção desse trabalho. Adiante, com relação ao percurso metodológico, as análises pautam-se em pesquisa qualitativa, com estudos bibliográficos. A revisão de dados foi feita com base na técnica de Bardin (2010), onde verificam-se os seguintes passos: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados. De tal modo, portanto, foi possível analisar que o sistema de reserva de vagas atua como uma crucial ferramenta para ampliar o acesso de discentes pretos, pardos e indígenas, haja vista, o processo de desigualdade racial perene, o qual privilegia os indivíduos sociais de raça branca. Destarte, percebe-se também a imprescindível luta contra a elitização do ensino superior brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Lei de Cotas, Justiça Social, Étnico-raciais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019. BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências 2. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Seção 1, p. 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 08 nov. de 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Disponível em:

<https://www.finom.edu.br/assets/uploads/cursos/categoriasdownloads/files/20190628210617.pdf>. Acesso em: 07 nov. de 2023.

IBGE. **Dados sobre cor ou raça no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html#:~:text=O%20IBGE%20pesquisa%20a%20cor,10%2C6%25%20como%20pr%20etos>. Acesso em: 09 nov. 2023.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Coleção Educação e Comunicação, v. 18. 1986. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/medo_ousadia.pdf.

Acesso em: 07 nov. de 2023.

TREVISOL, Joviles Vitório; NIEROTKA, Rosileia Lucia. **“Lei das cotas” e as políticas de democratização do acesso ao ensino superior público brasileiro**. Quaestio, Sorocaba, SP, v. 17, n. 2, p. 573-593, nov. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/2406>. Acesso em: 08 nov. de 2023.

RESUMOS EXPANDIDOS
EIXO 5
CURRÍCULOS, DIDÁTICA/ENSINOAPRENDIZAGEM E
PRÁTICA PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DA
INTERCULTURALIDADE

ESPAÇOS EDUCATIVOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA FREIREANA

Katiane Pereira Silva²⁵
José Victor da Silva Lopes²⁶

Esse trabalho surgiu a partir das discussões realizadas no componente curricular optativo Seminários de Educação Integral do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Ceres. O objeto de investigação dessa pesquisa se propõe a pensar espaços educativos da educação infantil com base nos debates promovidos nesse componente, por meio dos textos estudados e dos nossos conhecimentos prévios sobre o livro “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire (1996). Temos como objetivo geral analisar o discurso desse autor sobre o desenvolvimento humano e o processo de humanização para uma educação de qualidade e equidade. Já nos objetivos específicos procuramos compreender como o inédito viável viabiliza o desenvolvimento humano na educação infantil, bem como, descrever os sentidos da criatividade, humanização e autonomia à luz de Paulo Freire e explicitar as contribuições desse teórico para pensarmos os espaços formativos para o pleno desenvolvimento humano. Com isso, indagamos como os espaços educativos da educação infantil devem ser organizados para o pleno desenvolvimento humano? Pois, de acordo com Freire (1996, p. 20) “Como cobrar das crianças o mínimo de respeito, às carteiras escolares, às mesas, às paredes se o Poder Público revela absoluta desconsideração à coisa pública? [...]”. O aporte teórico baseia-se nas seguintes obras: “Pedagogia da Autonomia” onde Freire (1996) traz como temática o processo de ensino-aprendizagem dos alunos e a significância do relacionamento do professor e o estudante para o desenvolvimento da autonomia, em que ele coloca o espaço da escola

²⁵ Graduanda em Pedagogia. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire.

²⁶ Graduando em Pedagogia. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

como essencial nesse processo, e por isso “[...] precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico” (Freire, 1996, p.27). Ainda nesse livro Freire (1996) adverte que “ O desrespeito a esse espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e à prática pedagógica. ” (p.27). No livro “ A educação na Cidade” Freire (1921 -1997) defende uma educação popular, gratuita, de qualidade e humanizadora com vista a uma formação para a criatividade ao enfatizar que a escola precisa ser “ bem-cuidadas, zeladas, limpas, alegres, bonitas, cedo ou tarde a própria boniteza do espaço requer outra boniteza: a do ensino competente, a da alegria de aprender, a da imaginação criadora tendo liberdade de exercitar-se [...].” (p. 22). O trabalho de Saul e Silva (2011) que tematiza sobre “ Contribuições de Paulo Freire para a Educação Infantil: Implicações para as Políticas Públicas” em que aborda a respeito do ideal de educação infantil na perspectiva Freireana em que as “[...] ações que proporcionam acessibilidade, boniteza e as boas condições dos espaços educativos. Trata-se de um espaço sério e alegre, em que o brincar, na educação infantil, é o eixo central das relações de ensino-aprendizagem. ” (p.8). Sendo assim, essa pesquisa realizou-se em abordagem qualitativa, através de análises bibliográficas sobre os espaços educativos da educação infantil, com a dialogicidade em Paulo Freire, com o propósito de contribuir com as reflexões teóricas em torno dessa temática, com isso, defendemos a luz de Paulo Freire, que o Estado deve priorizar as boas condições de uso dos espaços de convivência, de lazer, as salas de aula, a mobília da escola e as salas de descanso, tendo em vista que “há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço” (Freire, 1996, p.20).

PALAVRAS-CHAVE: Espaços Educacionais, Desenvolvimento Humano, Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <
<http://www.apoeosp.org.br/sistema/ck/files/4->

%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf>. Acesso em: 08 de nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em: < [https://archive.org/details/freire-paulo.-a-educacao-na-cidade/mode/1up?view=theater&q=espa%C3%A7o+](https://archive.org/details/freire-paulo.-a-educacao-na-cidade/mode/1up?view=theater&q=espa%C3%A7o+>) >. Acesso em: 09 nov. 2023.

SAUL, Alexandre; SILVA, Camila Godói da. Contribuições de Paulo Freire para a Educação Infantil: implicações para as políticas públicas. In: **° Simpósio Brasileiro e 2. ° Congresso Ibero-Americano– Associação Nacional de Política e Administração da Educação**. 2011. Disponível em: <<https://anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0020.pdf>> Acesso em: 09 nov. 2023.

CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA PENSAR-FAZER PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS

Carlos César de Oliveira²⁷
Maria Inês Marcondes de Souza²⁸

Que contribuições e pistas a leitura de Freire poderia nos dar para pensar-fazer práticas pedagógicas no contexto atual, tomando como referência o conceito de interculturalidade? Esta questão, sem dúvidas, nos mobilizou e serviu como base para a escrita deste texto, objetivando tecer algumas reflexões sobre o pensamento de Paulo Freire e suas contribuições para o desenvolvimento de práticas pedagógicas interculturais. Mas, antes de aprofundá-la, faremos um preâmbulo para justificar que partimos de uma “pergunta”, tomando como referência o diálogo entre Freire e Faundez (1985; 2014) e a defesa de uma “pedagogia da pergunta”. Acreditamos, portanto, que uma prática pedagógica na perspectiva intercultural deverá ter a “pergunta” como ponto de partida, pois “o início do conhecimento” se faz pela pergunta (Freire e Faundez, 1985, p. 24). Ao perguntar, o/a professor/a conhece melhor as/os estudantes, podendo assim promover uma maior interação entre/com a turma, atentando para as suas especificidades. Além disso, o ato de perguntar é fundamental para o diálogo intercultural, como Freire apresenta nos “livros dialogados” com Ira Shor, Myles Horton (norte-americanos) e com Antonio Faundez (chileno). Livros estes mediados por perguntas, pelo respeito ao outro, aos seus saberes e às suas diferenças. Diante disso, inferimos que uma prática pedagógica intercultural trata-se de uma prática interessada, pautada num mútuo respeito, na qual a pergunta não é algo inquiridor, silenciador, como acontece na “educação da resposta”, onde aquele que pergunta deseja atestar/comprovar que o outro sabe. Ao contrário, a “educação da

²⁷Doutorando em Educação pelo PPGE PUC Rio, Educador Popular, Bolsista FAPERJ Nota 10. Orientado pela Prof.^a Dr.^a Maria Inês Marcondes de Souza. E-mail: carlosoliveira.prof@gmail.com

²⁸Professora Titular da PUC Rio. Bolsista Produtividade CNPq. Cientista do nosso estado FAPERJ. E-mail: mim@puc-rio.br

pergunta” (Freire, 2021) consiste em um ato curioso, por meio do qual professor/as e estudantes aprendem de forma coletiva e colaborativa, mediados por perguntas e situações-problema. Logo, “A *educação da resposta* não ajuda em nada a curiosidade indispensável ao processo cognoscitivo. Ao contrário, a educação da resposta enfatiza a memorização dos conteúdos sobre os quais se fala” (Freire, 2021, p. 29, grifo do autor). Partindo dessa premissa, o pensamento de Freire nos convida a olharmos para as nossas experiências e a nos indagarmos sobre as práticas de ensino por nós vivenciadas em diferentes contextos e níveis de escolarização: em qual modelo se pautavam? Eram a favor da diversidade ou da padronização? No texto “Didática, Interculturalidade e Formação de professores: desafios atuais” (2020), Candau apresenta elementos que nos instigam a pensar estas questões, sobre como o pensamento freireano pode contribuir com o campo da interculturalidade. Referindo-se ao trabalho realizado por Freire e sua equipe com a alfabetização de adultos – o levantamento vocabular e as palavras geradoras – Candau (2020, p. 34) afirma que “alinhava-se às tendências sociológicas que criticaram a escola por não dialogar com a cultura dos seus educandos”. Ao criticar este modelo de escola, Freire (2018; 2021) defende uma concepção de educação que situa a pergunta como parte do ato curioso, e que juntamente com a pesquisa são fundamentais para o ato de conhecer: criativo e reflexivo, com vista à criticidade. Candau (2020, p. 34) ainda nos lembra “da importância atribuída à dimensão cultural”, algo que pode ser notado nos “círculos de cultura” e no decorrer da sua obra, especialmente em *Ação cultural para a liberdade*. Vale lembrar que na edição argentina de “Por uma pedagogia da pergunta” (2014) há um tópico intitulado “*Lo que enseña la diferencia cultural*”. O que as diferenças culturais teriam ensinado a Freire? Ao discorrer sobre as lições ensinadas pelo exílio Freire nos fala de “uma cotidianidade diferente” (Freire e Faundez, 2014, p. 44, tradução nossa). E conclui que aprendeu no Chile que “as culturas são melhores ou piores”, que compreendeu isso quando começou a “conhecer concretamente as formas diferentes, até de chamar o outro”. Freire adverte, porém, sobre a necessidade de atentarmos para as disparidades sociais (classe social) e para a clareza política

necessárias ao ato educativo, e enfatiza a importância de “respeitar a cultura diferente”, reconhecendo o aprendizado resultante de “lições das diferenças”, nas/com as diferentes experiências. Em relação a isso, Freire afirma está convencido sobre quão útil e fundamental foi correr mundo, vivenciar “contextos diversos, aprender das experiências de outros”, revendo-se *“nas diferenças culturais”* (Freire e Faundez, 1985, p. 11, grifo nosso). Partindo desse pressuposto, defendemos que pensar-fazer práticas de pedagógicas interculturais implica escuta, diálogo, curiosidade, pergunta, pesquisa, mas, sobretudo, respeito às diferenças e às diversidades, com vista à valorização dos saberes – das diferentes leituras de mundo – das/os estudantes em diálogo com o/a professor/a. Para tanto, reiteramos a premissa freireana de que “ensinar exige pesquisa” (Freire, 1996), criatividade, gosto por gentes e por suas diferenças, expressas em falas, gestos, gostos, e que podem ser explorados, por exemplo, no trabalho com diferentes linguagens, como as artes, e a partir de diferentes metodologias, a exemplo de trabalhos fundamentados na pesquisa-ação e das rodas de conversa, resultando em projetos – ação-reflexão – que viabilizem o desenvolvimento de práticas plurais, dialógicas e problematizadoras da realidade. Nesse sentido, as seqüências didáticas e o trabalho interdisciplinar a partir de projetos se apresentam como caminhos possíveis para o desenvolvimento de práticas pedagógicas interculturais, devido a sua capacidade de troca, de interação e de produção de conhecimentos com diferentes sujeitos. Por fim, concordamos com Candau (2020, p. 42) sobre a necessidade de “desenvolver um diálogo crítico e propositivo orientado a fortalecer perspectivas educativas e sociais orientadas a radicalizar os processos democráticos e articular igualdade e diferença, em todos os níveis e âmbitos, do macrossocial à sala de aula”. Assim, torna-se possível o desenvolvimento de práticas pedagógicas que explorem os aspectos relacional, social e cultural, valorizando os múltiplos saberes em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire, pedagogia da pergunta, práticas interculturais.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. Didática, Interculturalidade e Formação de professores: desafios atuais. **Revista Cocar**. Edição Especial N.8. Jan./Abr./ 2020 p. 28-44 ISSN: 2237-0315.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta Mangueira**. – 14 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 38ª ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 (Coleção Educação e Comunicação: v. 15).

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por una pedagogía de la pregunta**: Crítica a una educación basada en respuestas e preguntas inexistentes. – 1ª ed. (especial) – Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 2014.

O TEMA-GERADOR NA EDUCAÇÃO ESCOLAR XUKURU DO ORORUBÁ (PESQUEIRA, PERNAMBUCO)

Alexandre Evangelista da Silva²⁹

Discutimos as contribuições do pensador brasileiro Paulo Freire na prática do Tema-Gerador das(os) professoras(es) do povo indígena Xukuru do Ororubá, na cidade de Pesqueira, Estado de Pernambuco. Essa pesquisa se originou da dissertação de mestrado acadêmico (Silva, 2022), sobre quais as colaborações de professoras(es) Xukuru no fortalecimento da identidade étnica³⁰ do seu povo? Seguindo as propostas do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (1921 -1997) trouxemos discussões teórico-práticas freireanas. Nesse sentido, Freire (2016) acentua no Tema- Gerador uma relação dialógica entre homens-mundo das(os) professoras(es) e educandas(os) enquanto pesquisadoras(es) em conjunto e participativos no seu contexto de ensino-aprendizagem. O que ressalta os significados da sua práxis, em uma postura ativa sobre as temáticas construídas ou apropriadas para a tomada de consciência e valorização de palavras claramente conectadas às discussões de cada momento histórico. Isso dialoga com a autonomia na escola indígena, pois para Vera Candau (2013) a educação intercultural trabalha com significados entre culturas diferentes em um ensino bilíngue da cultura indígena com valores e crenças ancestrais, na revitalização ou reconstrução da língua originária na correlação ao ensino da língua nacional (caso da língua colonizadora português). Como também, a presença de lideranças (o cacique, a cacica, pajé, cantadoras(es), etc) e atividades indígenas (como o ritual dança do Toré), em escolas administradas exclusivamente por professoras(es) indígenas. Nesse

²⁹Mestre em Educação Contemporânea. Professor da Secretaria de Educação do Município do Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. Membro do Centro Paulo Freire e do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire. E-mail: grafiticinza@gmail.com.

³⁰Falamos em identidade étnica como um sentimento de lealdade entre o povo e as lideranças indígenas, assim como estudado no contexto de povos africanos (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011).

sentido, Rita Potiguara (2017) considerou a escola indígena enquanto um espaço de trânsito ou troca de conhecimentos na diferenciação de saberes, permitindo a afirmação das identidades indígenas, em um tipo específico de consciência crítica entre valores de dentro e valores de fora do povo indígena. No mesmo caminho, Maria Roseane Xukuru (2021) compreendeu a escola indígena muito mais abrangente como um espaço sistemático de saberes construídos durante as vivências do povo, as memórias coletivas, a identidade significada pela relação com o Sagrado, em uma da relação permanente, sublinhando assim, a comunidade- escola. Dialogando com o Tema- Gerador, destacamos os princípios pedagógicos da *Formação da(o) Guerreira(o) Xukuru* (Copixo, 1997) compreendidos como exemplos de organização de uma luta epistêmica³¹ embasada no: a) Compromisso-Organização, b) *Surgimento de Novas(os) Guerreiras(os) Xukuru* (referentes às crianças e jovens, os *Opípes*); c) Mãe Terra; d) Dom da Natureza; e) Oralidade (dos *mais velhos*, os *Toiopes*). Para a sistematização dos dados, realizamos uma pesquisa qualitativa entre os significados, valores, crenças e subjetividades (Minayo, 1994), fundamentados na Análise de Conteúdo, especificadas em unidades temáticas de conteúdo agrupadas por frequência de significados favoráveis ou contrários (Bardin, 1977; Vala, 1990; Gomes, 1994). Desse modo, tivemos diferentes materiais pesquisados, principalmente, documentos da organização político-pedagógica e as verbalizações docentes Xukuru, em entrevistas semiestruturadas remotas (na pandemia COVID-19, via *on-line*) com 3 mulheres e 3 homens, distribuídos entre as gerações das(os) professoras(es) veteranas(os) e professoras(es) novatas(os) Xukuru. Em nossa análise, abordamos o Projeto Político e Pedagógico das Escolas do Povo Xukuru do Ororubá ou PPP Xukuru (2013), um projeto único para o povo (não-particularizado por minúsculas realidades de escolas separadas), no entanto, ampliadas por

³¹ Refletimos profundamente que se todo o ato político é um ato cultural, o ato de ensino é um ato político, indissociando a experiência de vida ao trabalho de construção da cultura (Freire, 2016), em meio às lutas epistêmicas na perspectiva do movimento indígena (Cusicanqui, 2018).

coordenações construídas no diálogo com todo o povo e aberta às modificações nos eixos temáticos. Para tanto, todos os setores do povo Xukuru podem colaborar e exigir a inclusão de seus direitos sociais e saberes ancestrais. Decorrente do diálogo com o povo Xukuru, as(os) professoras(es) construíram os Eixos Pedagógicos em diálogo com as lutas epistêmicas, assim, nos eixos Terra, Identidade, História, Organização e Interculturalidade. De todos os Eixos Pedagógicos do PPP Xukuru trabalharemos o eixo Interculturalidade por tratar especificamente do trabalho dos professores Xukuru. Nesse eixo pedagógico, a prática do Tema-Gerador (FREIRE, 2016) permitiu a tomada de consciência crítica para a transformação do mundo pelos próprios agentes construtores. Pois, o Tema-Gerador se constituiu pelo campo de intervenção da(o) professor(a) com diagnoses de carências e possibilidades para superar a repetição e desmotivação das(os) educandas(os). Assim também, valorizou palavras com significados vivenciados e reelaborados para cada momento de aprendizado ou atividade específica. Dessa maneira, cada bimestre letivo teve um tema específico da identidade Xukuru para ser discutido, como o Cipó-Balaio trabalhado na arte e ciências naturais nos demais povos e para os saberes específicos Xukuru no 4º bimestre de 2021. De tal modo, desde o Ensino Fundamental que o trabalho docente se fez entre disciplinas gerais e disciplinas indígenas. E mobilizando Projetos Didáticos pesquisados nas aldeias, na captação das vozes dos *mais velhos* e lideranças registrados em diários de vivências através de desenhos e escrita. Depois, sistematizados pelas(os) professoras(es) Xukuru em um quadro branco ou computador para a composição de cordéis, grafismos e até livros pedagógicos. No Ensino Médio, as equipes pedagógicas trabalharam em grupos temáticos na mediação dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) em diferentes áreas do conhecimento com vistas a aprovação das(os) educandas(os) em escolas técnicas e ensino superior. De tal forma, o trabalho docente da *Formação da(o) Guerreira(o) Xukuru* ressaltou os significados vocabulares construídos pelas retomadas territoriais- educacionais Xukuru (dos processos históricos de reconquista e ocupação cultural do seu território). E por meio de sistematização de diferentes significados,

interculturalizaram-se ideias colocadas e posicionadas pelas(os) educandas(os) Xukuru para dentro de suas questões, linguagens e formas de registros orais ou escritos, na conceituação e mensuração do mundo. Na contestação dos preconceitos e negações pelo caminho da transformação social nas vias da cidadania, também na formação técnico-profissional, claramente fortalecidos com base no autorreconhecimento dos valores e crenças da identidade Xukuru. Portanto, a potencialidade dialógica do Tema-Gerador freireano combinou à vitalidade das lutas epistêmicas à circularização de um movimento para dentro e para fora do território fortalecendo os saberes vivenciados pelo povo e sistematizados pela escola nas estratégias e resistências do PPP Xukuru (Copixo, 1997; 2013; Candau, 2013; Freire, 2016; Potiguara, 2017; Cusicanqui, 2018; Oliveira Xukuru, 2021; Silva, 2022).

PALAVRAS-CHAVE: Formação da(o) Guerreira(o) Xukuru do Ororubá; Educação Intercultural; Tema-Gerador.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Educación intercultural crítica: Construyendo caminos. *In*: WALSH, Catherine (Org.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Serie Pensamiento decolonial. Quito: Ediciones Abya-Ayala, 2013.

COPIXO. **Plantando a memória do nosso povo e colhendo os frutos da nossa luta**: O Projeto Político Pedagógico das Escolas do Povo Xukuru do Ororubá. Ed. rev. Pesqueira: Ed. das(os) Autoras(es) Professoras(es) Xukuru do Ororubá, 2013.

COPIXO. **Xukuru: Filhos da Mãe Natureza: uma História de resistência e luta**. Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire, 1997.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Un mundo ch'ixi es posible**. 1.ed. Ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Cecília de Souza, DESLANDES, Suely Ferreira (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, Cecília de Souza, DESLANDES, Suely Ferreira (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA XUKURU, Maria Roseane Cordeiro de. **A prática pedagógica das/nas escolas Xukuru: encontros com a pedagogia decolonial na comunidade-escola**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea). Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru: UFPE, 2021.

POTIGUARA, Rita Gomes Nascimento. Escola como local das culturas: o que dizem os índios sobre escola e currículo. *In*: **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 26, n. 62, p. 373-389, 2017.

POUTIGNAT, Phelippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. Capítulo 1: A etnicidade: um novo conceito para um fenômeno novo? *In*: POUTIGNAT, Phelippe, STREIFF-FENART, Jocelyne (Orgs.). **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrick Barth**. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SILVA, Alexandre Evangelista da. **Construindo o magistério indígena: desafios na educação do povo Xukuru em Pesqueira (Pernambuco)**. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea).

Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru: UFPE, 2022.
Disponível em:
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50596>. Acesso em: 18
out. 2023.

VALA, Jorge. Análise de conteúdo. *In*: SILVA, Augusto, PINTO,
José Madureira (Org.). **Metodologias das Ciências Sociais**. 4.ed.
Porto: Edições Afrontamento, 1990.

A SIGNIFICÂNCIA DO CURRÍCULO INTERCULTURAL NA ESCOLA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO LEGADO DE PAULO FREIRE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Luana Lucena de Medeiros³²

Katiane Pereira Silva³³

O presente texto tem como objetivo discutir sobre a influência de Paulo Freire para a contribuição do processo Ensino-Aprendizagem dos alunos e promover a reflexão sobre propostas pedagógicas voltadas para ações interculturais no cotidiano escolar. O interesse por essa corrente teórica surge através do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GEPEPF) onde refletimos sobre essa proposta pedagógica, como as ações interculturais presentes no cotidiano escolar pode contribuir no processo de ensino – aprendizagem, tendo em vista que, a Interculturalidade é uma perspectiva de ensino que visa promover o respeito e a valorização entre as culturas. A abordagem utilizada nesse estudo é uma análise de cunho qualitativo, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica da teoria Freireana e tem como finalidade ratificar a importância do currículo intercultural para a educação. Dessa maneira, é necessário dialogar com as questões acerca das diversas práticas educacionais vigentes, um dos motivos principais para essa lentidão da inserção desse currículo é o nosso ensino padronizado que intencionalmente ou não, se fecha para essa troca de conhecimentos. O referencial teórico fundamenta-se nos seguintes autores: a primeira autora, Candau (2016), ao conduzir a análise em sua pesquisa sobre como a escola tem realizado o seu trabalho no que tange a aplicação de ações interculturais no cotidiano educacional, bem como, objetiva incentivar a formação continuada para os professores que estão

³² Graduanda do Curso de Pedagogia da UFRN-CERES Caicó.

³³ Graduanda do curso de Pedagogia da UFRN-CERES Caicó. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire.

atuando nos espaços escolares, tentando prepará-los para integrar a interculturalidade em suas metodologias de ensino e no currículo escolar, pois a educação intercultural promove na escola relações de respeito e aceitação das diferenças entre as culturas de cada indivíduo. Segundo, Gadotti (2007) o qual realiza uma análise em sua tese sobre como Paulo Freire entendia o processo de ensino aprendizagem, a formação dos professores e o papel da escola, assim como coloca em evidência o legado de Freire para a educação; Terceiro, Uchôa e Ramacciotti (2021) efetuando em sua obra o debate sobre currículo e a interculturalidade com base nas teorias de Paulo Freire, tal como, em seu discurso apresentam-se favorável a uma educação humanizadora; Na quarta discussão, apresentamos o pensamento de Freire nos seguintes estudos: a) O livro “Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire” Freire (1979) dialoga acerca da finalidade da educação para a liberdade, que tem como objetivo promover a interação dos sujeitos com os diversos grupos culturais; b) A obra “Pedagogia do Oprimido” onde Freire (Freire, 1987, p. 39) discute sobre a educação bancária e traz uma concepção de educação para a liberdade, considerando as relações interculturais com mediador do processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos ao afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si [...]”. Em vistas dos argumentos apresentados, concluímos que, esse estudo é de suma importância para reafirmar que o currículo escolar precisa ser intercultural, e além disso, deve ser colocado em prática cotidianamente para que os alunos possam ser educados para a valorização dos seus antepassados e dos antepassados dos colegas de outra cultura, com vistas a estabelecer relações e vivências de respeito entre diferentes grupos sócias.

PALAVRAS-CHAVE: Interculturalidade, Currículo, Ensino-Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de pesquisa**, v.46, p.802-820,2016.

Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cp/a/GKr96xZ95tpC6shxGzhRDRG/?lang=pt&format=html> Acesso em: 03 nov. 2023.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. 1. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007. Disponível em:
https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPEDUCACAO/LIVROS/Paulo_Freire_e_a_Paix%C3%A3o_de_Ensinar.pdf Acesso em: 03 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Disponível em:
https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/Paulo%20Freire%20-%20Conscientiza%C3%A7%C3%A3o_pp.5-19.pdf Acesso em: 03 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Disponível em:
http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf Acesso em: 03 nov. 2023.

UCHÔA, Márcia Maria Rodrigues; RAMACCIOTTI, Angélica Santos. **A Educação Intercultural E a Humanização Em Freire: Considerações E Congruências**. Revista Inter-Ação, v. 46, n. ed. especial, p. 946-961, 2021. Disponível em:
<https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/68357> Acesso em: 03 nov. 2023.



editora
CENTRO

PAULO FREIRE
ESTUDOS E PESQUISAS